

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

JORDANA SILVA SOUSA

MIGRAÇÃO CHINESA: comércio e moradia no centro de São Luís, MA

São Luís, MA

2018

JORDANA SILVA SOUSA

MIGRAÇÃO CHINESA: comércio e moradia no centro de São Luís, MA

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, para
obtenção do grau de Licenciatura em História,

Orientadora: Prof^a. Dr^a Júlia Constança Pereira
Camêlo

São Luís

2018

Sousa, Jordana Silva.

Migração Chinesa: comércio e moradia no centro de São Luís, MA/
Jordana Silva Sousa. – São Luís, 2018.

81p.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do
Maranhão, 2018.

Orientadora: Prof^o.Dr^a.Júlia Constança Pereira Camêlo

JORDANA SILVA SOUSA

MIGRAÇÃO CHINESA: comércio e moradia no centro de São Luís, MA

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, para
obtenção do grau de Licenciatura em História,

Orientadora: Prof^o.Dr^a.Júlia Constança Pereira
Camêlo

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Dr^a Júlia Constança Pereira Camêlo
Universidade Estadual do Maranhão

Dr^a Márcia Milena Galdez Ferreira
Universidade Estadual do Maranhão

Dr^a. Sandra R. Rodrigues dos Santos
Universidade Estadual do Maranhão

**In memoriam a Gilmarlinda Diniz
Silva, minha amada mãe guerreira.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, autor e consumidor do mundo, pois sem ele nada existiria e que me criou para a sua glória e louvor. Amo-te, Deus!

A meu eterno Senhor e Salvador Jesus Cristo, por quem e pra quem eu vivo. Ele é a minha esperança, força, e só por ele estou de pé, pois não me trata como mereço, mas sim segundo a multidão das suas misericórdias.

Ao Espírito Santo, meu consolador e companheiro, que mesmo com toda minha teimosia continua a me ensinar.

À minha mãe, Gilmarlinda Diniz que, durante vinte e um anos, me amou sem medidas, me protegeu, incentivou e acreditou mais em mim do que eu mesma, sem me deixar só em momento algum. A ela, a melhor mãe que existiu, e que Deus deu de presente a mim e aos meus irmãos. Não sei descrever com palavras tudo que a minha mãe significa, mas quero agradecer a Deus pelo período em que ela viveu junto a mim e por Ele a ter me dado como mãe, para moldar o meu caráter e fazer de mim a pessoa que sou hoje. Senhor, desculpa-me, por não ter correspondido a todo esforço de minha mãe. Amo-te, Mãe!

A meu irmão Gilson, pelo apoio, incentivo e por sempre ter me defendido. Aos meus irmãos Júnior e Marcus, presentes de Deus para minha vida e da minha família.

À minha avó, pai, padrasto e tios que sempre estiveram ao meu lado.

À minha amiga Juliana Lavra, que aguentou minha chatice e insegurança durante todos esses anos e muito me ajudou no desenvolvimento deste trabalho, participando de todas as etapas. Obrigada, Ju, pela sua força, companhia e por ter me ouvido e aconselhado todos esses anos!

À minha orientadora Júlia Constança, que aceitou o desafio de me orientar e que sempre teve muita paciência com meu péssimo hábito de procrastinar.

À professora Milena, que acompanhou as fases iniciais do meu projeto e sempre me motivou a continuar com o tema. Professora, não teria chegado até aqui sem a sua ajuda, muito obrigada!

À Paulo, graduando de administração da UFMA, um amigo que Deus colocou no meu caminho para ser meu companheiro no trabalho de campo. Conte comigo para o que precisar!

Aos meus amigos Leonardo Amazonas, João Pedro Moraes, Tarcísio Júnior, Bruna Taynara, Rita e Raquel com quem convivi com muito amor e carinho e que sempre me deram forças.

Aos meus amigos e irmãos em Cristo, Pedro Paulo e Maria Josiete, que sempre me aconselharam divinamente e torceram por mim. Agradeço a Deus por vocês existirem e estarem sempre presentes nos momentos mais difíceis, ouvindo coisas que só tenho coragem de dizer para vocês mesmos.

À Atiane, responsável pelo Museu de Artes Visuais, e à Iraci Soares, curadora de Bens Móveis da Igreja do Carmo, líderes maravilhosas com quem Deus me permitiu conviver e que muito contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal. Amo vocês de coração.

A todos que me apoiaram e encorajaram, muito obrigada!

**“O que foi é isso que há de ser;
e o que se fez, isso se tornará a
fazer; de modo que nada há de
novo debaixo do sol”.
(Eclesiastes 1:16)**

RESUMO

São Luís se insere no contexto atual da migração chinesa que ocorre no Brasil e no Mundo, ainda que não seja com a mesma intensidade com que se apresenta em outras cidades, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, está incluída num contexto de mobilizações internas, em que há um deslocamento desses migrantes da região sudeste para cidades do norte e principalmente nordeste. Dessa forma, este estudo pretende fornecer informações sobre a migração chinesa que tem ocorrido no centro de São Luís, através do uso da história oral, do trabalho de campo e pesquisas bibliográficas/ dados informativos, que fornecerão detalhes da área ocupada por essa população no centro da cidade, suas ocupações e moradias, abordando seu meio de inserção facilitado por suas redes de apoio. Foi possível notar que os chineses procuram locais propícios para seu comércio, preferem morar próximo aos locais de trabalho e não criam vínculos com a cidade que escolhem morar, uma vez que pretendem apenas melhorar suas condições financeiras.

Palavras chaves: Migração chinesa. São Luís. História Oral.

ABSTRACT

São Luís is inserted in the current context of Chinese migration that occurs in Brazil and in the World, although it is not with the same intensity that it presents itself in other cities, like São Paulo and Rio de Janeiro, it is included in a context of intern mobilizations, in which there is a displacement of these migrants from the Southeast to cities of the north and mainly northeast. Thus, this study intends to provide information on Chinese migration that has occurred in the center of São Luís, through the use of oral history, fieldwork and bibliographical research / informational data, which will provide details of the area occupied by this population in the center of the city, its occupations and dwellings, approaching its means of insertion facilitated by its networks of support. It has been noted that the Chinese are looking for places conducive to their trade, preferring to live close to their workplaces and do not create relationships with the city they choose to live in, since they only want to improve their financial conditions.

Key words: Chinese migration. São Luís. Oral History.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

- Mapa 01 Área delimitada pela pesquisa com presença de estabelecimentos chineses no centro.
- Figura 01 Mapeamento dos estabelecimentos comerciais no Centro, São Luís-MA.
- Figura 02 Imagem de chinesas vendendo suas mercadorias em calçada da Rua Grande.
- Tabela 01 Organização dos estabelecimentos comerciais no Centro, São Luís-MA.
- Mapa 02 Residência de chineses na região do centro.
- Mapa 03 Deslocamento de famílias chinesas para outras regiões.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CCIC - Companhia de Comércio e Imigração Chinesa

ONU - Organização das Nações Unidas

PF - Polícia Federal

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

OMC - Organização Mundial do Comércio

UEMA - Universidade do Estadual do Maranhão

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: aspectos e relevância	16
1.1 A relevância da História Oral e da Memória	16
1.2 Migração, globalização e redes sociais	23
2. IMIGRAÇÃO CHINESA	31
2.1 Imigração de chineses: panorama histórico	31
2.2 A atual movimentação migratória chinesa no Brasil	37
2.3 A chegada dos chineses ao Maranhão	41
3. A INSTALAÇÃO CHINESA	45
3.1. Metodologia e observações de campo	45
3.2 Dados e mapeamentos do centro de São Luís	48
3.3 O comércio chinês e suas redes	61
3.3.1 Tipos de mercadorias	67
3.4 Relacionamentos no local de chegada	70
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A	81

INTRODUÇÃO

Entre fins do século XX e principalmente nesses primeiros anos do século XXI, o crescimento da população de asiáticos foi surpreendente em todo o mundo. No Brasil, de acordo com dados do Censo Demográfico 2010 do IBGE, enquanto a população nacional cresceu 17,3% de 2000 a 2010, a população que se declara “amarela” cresceu 176,4% e esse crescimento foi percebido principalmente nos estados do nordeste, onde era percebida uma menor presença desses asiáticos (Jornal Estadão, 2011, s/p). Dentro deste grupo, os chineses têm se destacado, não só por serem os mais numerosos, mas também por se ocuparem quase sempre em atividades comerciais, através da qual se destacam nos locais em que se inserem, adquirindo um rápido crescimento econômico.

Ainda durante o século XIX e XX, houve um grande deslocamento de trabalhadores chineses, conhecido como *collies*, em direção às Américas, atraídos principalmente pela oferta de mão de obra. No ano de 1810, houve a primeira vinda de imigrantes chineses para o Brasil, mais precisamente para o Rio de Janeiro, com o objetivo de introduzir a cultura de chá no país (SHU, 2009). Com o passar dos anos, a maioria dos chineses que adentrou o território brasileiro, ainda que tivessem vindos direcionados para um determinado serviço, acabavam exercendo atividades econômicas, como vendas de bugigangas e pastéis. Mas, em suma, a imigração chinesa para o Brasil não foi tão expressiva como a de outros grupos de imigrantes, a exemplo dos japoneses.

No Maranhão, e principalmente em sua capital, o aumento dos asiáticos também foi notório. De acordo com a Superintendência Regional da Polícia Federal do Estado do Maranhão, o grupo asiático foi o que mais cresceu, representando 15% do total de imigrantes em 2008 (Jornal Estrangeiros no Brasil, 2013, s/p). O interessante é que o crescimento da população “amarela”, especificamente de chineses, que atua no comércio em São Luís, também teve um crescimento expressivo, especialmente devido ao fato de se fazerem presentes nas principais ruas do centro da cidade.

Esses asiáticos são percebidos por todos os frequentadores, pois se estabeleceram em ruas essenciais para o comércio, sendo donos de quase metade dos estabelecimentos comerciais das ruas de Santana e da Sete de Setembro. Quem transita pela Rua Grande e proximidades, principalmente no horário de fechamento das lojas, se surpreende com a presença de tantos chineses circulando e que, de maneira alguma, passam despercebidos, devido a suas características físicas e sua língua, sendo muitas vezes confundidos com outros asiáticos, como coreanos e japoneses. Porém, por se tratar de um tema recente, ainda não há estudos no campo da história que expliquem quando e como se iniciou esse processo, onde vivem e porque decidem se dedicar a atividades comerciais.

Devido às diversas origens dos povos asiáticos residentes no Maranhão, o presente trabalho foca nos chineses por formarem o grupo de maior expressividade em São Luís, e estuda esse novo processo de migração espontânea na cidade, mais especificamente em ruas do centro, buscando entender como conseguiram, de maneira tão rápida, se estabelecerem em pontos estratégicos da cidade, saindo das calçadas para se tornarem donos de lucrativos estabelecimentos. Assim, pretendemos empreender um estudo que possibilite o acesso a mais informações e nos ajude a entender algumas inquietações sobre esse movimento migratório.

Nessa perspectiva, o estudo deste tema é de grande importância, pois servirá para a diminuição do preconceito e quebra de estereótipos criados pela população local sobre os asiáticos como, por exemplo, de que são todos coreanos, indelicados, interessados apenas em vender seus produtos e ganhar dinheiro. Ditos que resultam não só da falta de informações corretas acerca dessa população, mas também da falta de comunicação, visto que a maior parte desses imigrantes não fala e nem entende bem o português, dificultando um relacionamento mais amigável com a população. Mas são todos realmente coreanos? O acúmulo de capital é o real e único motivo de estarem aqui? Esse crescimento não seria possível em seu país? São realmente pessoas áspers, indelicadas que preferem não se aproximar dos maranhenses?

Este trabalho preencherá um vazio existente na produção historiográfica local, respondendo a essas e outras questões, contribuindo assim não só para

entender as características da imigração asiática para centro de São Luís, mas também, para amenizar alguns equívocos oriundos do senso comum, decorrentes do desconhecimento dos reais motivos dessa migração. Além disso, se constituirá em um registro para as futuras gerações referente à população asiática existente na capital no período a ser estudado.

Além desta introdução, o trabalho conta com três capítulos e as considerações finais. O primeiro aponta os procedimentos metodológicos escolhidos para a execução da pesquisa, apresentando a História Oral como aparato metodológico e instrumento de constituição de fontes. Além disso, a História do Tempo Presente também é exposta como ferramenta para entender os fatos da atualidade.

O segundo capítulo elenca o contexto da migração chinesa no Brasil. O histórico, destinos e demais características dos processos de deslocamentos notados no Brasil e no mundo. E, finalmente, o terceiro capítulo organiza e analisa os dados colhidos por meio de entrevistas feitas com os chineses. As considerações finais ponderam as análises apresentadas e finalizam o trabalho.

1. HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: aspectos e relevância

Nesse capítulo apresentaremos as características da História Oral, enquanto aparato metodológico, e como sua conjuntura contribui para a execução dessa pesquisa. Além disso, sua relação com a memória também é essencial para as discussões aqui empreendidas. Em seguida, abordamos a relação entre os processos migratórios na atualidade e a globalização.

1.1 A relevância da História Oral e da Memória

O estudo de temas atuais, contemporâneos ao pesquisador, foi durante muito tempo assunto para as demais áreas das ciências humanas, pois se afirmava que a história enquanto disciplina, possuía um método de estudo de textos que lhe era próprio, que interpretava documentos, o que implicou na concepção de objetividade como uma tomada de distância em relação aos problemas do presente. Por isso, só o recuo no tempo garantiria uma distância crítica, e o historiador poderia começar seu trabalho quando não existissem mais testemunhos vivos dos mundos estudados, para que os traços arquivados pudessem ser interpretados (FERREIRA, 2000).

Contudo, desde 1929, com a fundação do movimento dos *Annales* na França, iniciou-se um profundo movimento de transformação no campo da história com uma nova geração de historiadores que, em nome de uma história total, passaram a questionar a hegemonia da história política e defenderam uma nova concepção que dava ênfase a problemas sociais, econômicos, mentais, entre outros, viabilizando a abertura da disciplina a temas e metodologias das demais ciências humanas, alargando seus objetos de estudo e aperfeiçoando seus métodos. Assim, a interdisciplinaridade ganhou cada vez mais espaço e serviu como base para a formulação de novos problemas, métodos e abordagens da pesquisa histórica, que se aproximaram cada vez mais das áreas de conhecimento vizinhas, como a Geografia, a Sociologia, a Economia e a Psicologia (FERREIRA, 2011).

Dentro desta nova perspectiva, a história do tempo presente foi ganhando cada vez mais espaço. No entanto, a impossibilidade de recuo no tempo, a dificuldade de apreciar a importância da dimensão a longo prazo dos fenômenos

e o risco de cair no puro relato jornalístico, foram mais uma vez colocados como empecilhos para a história do século XX. E apesar de Jacques Le Goff ter apontado a conquista da história contemporânea pela nova história como uma tarefa urgente, pouco foi feito nesse sentido. O contemporâneo continuava a ser assunto das ciências sociais em geral, mas não da história (FERREIRA, 2000).

Argumentando contra a concepção que sustentava a necessidade de distanciamento para a concepção da análise histórica, Roger Chartier, expõe:

O historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto, partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é, pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e dos homens e mulheres cuja história ele escreve [...] para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói (CHARTIER, 2006, p.216).

Essa abordagem possibilitou uma abertura para a aceitação dos testemunhos diretos (valorizado pela historiografia da Antiguidade clássica e desqualificado pela historiografia na segunda metade do século XIX), ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa (POLLAK, 1992).

A migração chinesa que ocorre em São Luís na atualidade, se insere em uma das temáticas a ser estudada pela história do tempo presente, chama atenção por seu rápido crescimento e pelo tipo de atividade que esse grupo se ocupa, quase exclusivamente com o comércio de mercadorias chinesas, exceto os poucos que trabalham no ramo alimentício. Esse trabalho servirá não só para esclarecer algumas dúvidas, mas também para salvaguardar algumas informações acerca da atuação dos chineses no bairro do Centro de São Luís.

Eric Hobsbawm (1998), afirma a necessidade de se fazer estudos sobre a história do tempo presente, com todos os seus problemas estruturais, com os mesmos cuidados e critérios que se tem com os outros tempos, ainda que seja para salvar do esquecimento, e talvez da destruição, fontes que serão indispensáveis aos historiadores do terceiro milênio.

Até o momento ainda não há trabalhos concluídos acerca da migração no Maranhão, apenas algumas matérias de jornais e reportagens foram feitas sobre a presença chinesa no centro da capital, dando destaque para o comércio realizado por eles, que em muitas falas são confundidos pelos repórteres com coreanos.

Segundo Nora (1977), são os jornalistas que estão no início do desenvolvimento da história imediata e há muitos que, tendo vivido o acontecimento, voltam a retomá-lo alguns anos depois. Para ele, esta é sem dúvida, uma época em que as pessoas sentiram a necessidade de começar a compreender o que lhes acontecia e a possuir os seus meios de compreensão quase imediatos, afirmando:

Já não é o historiador que faz o acontecimento, mas sim a inflação da informação, a multiplicação das interrogações das próprias inquietações [...] é necessário auscultar o acontecimento, porque é ele que une, como num feixe, todos os significados sociais de que os rodeia (NORA, p.49).

Para o autor, “antes, num sistema de informação tradicional, passavam-se coisas que não afetavam profundamente a vida das massas, ou estas massas não sabiam que essas coisas afetavam profundamente a sua vida, ou então ninguém lhes prestava atenção” (NORA, 1977, p. 46). Mas hoje, o papel do historiador ante a novidade do acontecimento é clarificá-lo e fornecer uma explicação provisória e plausível, e esta explicação só pode enraizar-se no passado.

É nesse campo, desafiador para o historiador, que iremos adentrar pois “hoje em dia o mais pequeno acontecimento é vivido como sendo já histórico, memorável, inscrevendo-se já na história, quando nem sequer se sabe se ele terá lugar ou se virá a ter alguma importância, assim, promove-se o vivido em histórico, o que muda completamente a natureza do histórico e também do vivido” (NORA, 1977, p. 47).

Para a realização deste trabalho utilizamos os métodos e técnicas da História Oral, mais precisamente entrevistas, para entender o que motivou esses chineses a virem para o Maranhão e algumas características dessa migração.

A história oral pode ser entendida como um método de pesquisa interdisciplinar (histórico, antropológico, sociológico, entre outros) que privilegia

a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (ALBERTI, 1989).

Paul Thompson argumenta que nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual, todas podem ser falhas, porém em seu livro *A voz do passado* o autor defendeu o uso da metodologia da história oral, ao afirmar que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. [...] transformando os objetos de estudo em sujeitos” (THOMPSON, 1992, p. 137).

As autoras Marieta Ferreira e Janaína Amado destacam a importância da História oral para se compreender o tempo presente:

A história do tempo presente contribui particularmente para o entendimento das relações entre a ação voluntária a consciência dos homens e os constrangimentos desconhecidos que a encerram e a limitam. Melhor dizendo ela permite perceber com maior clareza a articulação, de um lado, as percepções e as representações dos atores e, de outro as determinações e interdependências que tecem os laços sociais. Trata-se, portanto, de um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de mesma formação social. E nos parece óbvia a contribuição da história oral para atingir esses objetivos (FERREIRA; AMADO, 2006, p.24).

Nesta perspectiva, a história oral será utilizada não só como metodologia mas também como constituição de fonte de estudo que necessitará de interpretação e análise. A história oral ajuda a compreender processos operacionalizados pela memória do entrevistado, e isso nos possibilitou identificar algumas características dessa comunidade que está a se formar.

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história, ao romper com uma visão determinista que elimina a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente, reconhecendo que o passado é construído segundo as necessidades do presente (FERREIRA, 2000, p. 118).

Memória e a História são processos sociais, construções dos próprios homens que têm como referências as experiências individuais e coletivas que fizeram parte de suas vidas em sociedade. Nessa linha, a História Oral, conforme Ferreira (2000) centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido.

Assim, podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, mas não em sua totalidade. Verena Albert (2004) lembra que “a história como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidades: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modo de viver, para conhecer e explicar o que se passou” (p.14). Assim, em uma entrevista de história oral, pedaços do passado são revelado pelas nos dando a sensação de presencia-lo, portanto a memória, é a presença do passado.

Peter Burke (2000), descreve a memória como uma reconstrução do passado, uma vez que lembrá-lo e escrever sobre ele não são atividades ingênuas e inocentes. Portanto, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado.

Assim, a História Oral produz narrativas, que são narrativas de memória, não apenas individual, mas coletiva, e estas são narrativas de identidade na medida em que manifesta a visão que o entrevistado tem de si mesmo e do mundo, e também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. Para Halbwachs, “toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (HALBWACHS, 2004, p. 85). O autor concebe a memória sociologicamente, uma vez que a memória individual só existe na medida em que o indivíduo é produto de um grupo. Essa metodologia, segundo Portelli (2010), permite vivificar a relação entre História, memória e identidade.

Durante as entrevistas é como se pudéssemos reviver o passado, nos identificamos com quem conta a história e, muitas vezes, é como se estivéssemos presenciando e acompanhado sua trajetória, recuperando o vivido conforme concebido por quem viveu (ALBERT, 2004). É o registro da memória viva, de uma comunidade, de uma família ou mesmo de uma pessoa, e é esta singularidade que lhe confere o fascínio. A exemplo, quando tomadas as entrevistas, pudemos perceber esse fascínio ao ouvir esses migrantes foi como se houvesse um transporte para dentro de suas experiências e de sua cultura

sem a barreira linguística. Apesar de ter que manter certa neutralidade, foi quase impossível no início do trabalho de campo não se envolver com as histórias, assim várias outras perguntas foram surgindo durante as conversas que não aquelas pré-estabelecidas, porém, com o tempo fomos aprendendo a sermos mais objetivos.

Apesar do lugar da pesquisa nos ser familiar, os personagens e suas histórias eram desconhecidas. Ouvir suas experiências nos possibilitou desconstruir uma série de preconceitos que existiam, pois apesar das ideias que tínhamos de que eles não concederiam entrevistas, por serem muito fechados, os chineses que tivemos contato foram muito gentis, com poucas exceções. Porém, a forma de aproximação foi diferente da tentativa passada¹, em que procuramos os mais antigos e recebemos de imediato uma recusa. Este ano procuramos contato com os chineses mais jovens e que falam bem o português.

A história oral aqui empregada tem como objetivo entender a trajetória desse agrupamento de chineses que está em formação no bairro do centro e que daqui a alguns anos poderá crescer ou desaparecer. Por se tratar de uma tema do tempo presente, muito pode se extrair com a realização de entrevistas em que o relato pessoal deixa de ser visto como exclusivo de seu autor e torna-se capaz de transmitir uma experiência coletiva (ALBERT, 2004). Através das falas dos entrevistados será possível entender a experiência e trajetória desse grupo de migrantes, possibilitando questionar visões generalizantes a seu respeito que povoam o pensamento das pessoas.

O trabalho com a história oral desencadeia a releitura de vestígios e de reconstrução da identidade histórica. Nesse contexto, a memória constitui-se como fonte informativa para a História, constitui-se também como base da identidade, na medida em que as pessoas se identificam com essa história contada, construída e reconstruída (ALBERTI, 2005). Precisamos ser mais críticos em relação ao significado que há por trás de memórias particulares que nós coletamos durante um trabalho de história oral.

¹ Em outubro de 2017 foi feita a primeira tentativa de contato com um comerciante chinês que havia sido indicado por um vizinho como sendo um dos mais antigos.

Segundo Chartier (2002) escrever história, através das fontes orais, não é sacramentar certezas, mas diminuir o campo de dúvidas. As narrativas resultantes da história oral estimulam a escrita de uma história que não é uma representação exata do que existiu, mas que se esforça em propor uma inteligibilidade. No início, grande parte das críticas que o método sofreu dizia respeito justamente às distorções da memória, ao fato de não poder confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade. Hoje considera-se que a análise dessas distorções pode levar a melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo e nos mostra que a constituição da memória é objeto de contínua negociação.

O estudo da comunidade de migrantes chineses presente em São Luís é do campo da história do tempo presente que, segundo Ferreira (2000), constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social. E a história oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas.

Hebe Castro (1997) explica que em oposição a historiografia tradicional, a história social passa a ser encarada como reafirmação do princípio de que, em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam. A história social aqui é empregada com o intuito de entender os motivos da migração chinesa no centro de São Luís, a forma que essas pessoas se organizam quanto a moradia, e se o estabelecimento nessa região é uma escolha feita por afinidade ou relação com o local, ou é uma “imposição” das circunstâncias devido ao fato do Centro ser a região com a maior atividade comercial.

O estudo sobre migrações na atualidade, ainda se constitui um desafio para a história, e é trabalhado com mais frequência por outras áreas das ciências humanas. Por isso, o percurso teórico e metodológico desta pesquisa passa pelo campo da história social, história do tempo presente, sociologia, geografia, ciências econômicas e antropologia, para que se possa compreender alguns aspectos da ocupação do bairro do centro por chineses e contribuir com dados para estudos mais aprofundados.

A preocupação desse trabalho também está em fornecer informações para futuros pesquisadores sobre esta comunidade chinesa que está a se construir e a conquistar espaços cada vez maior de atuação.

A instrumentalização da metodologia da história oral só foi possível devido ao trabalho de campo que foi realizado simultaneamente às entrevistas, entre os meses de abril e maio de 2018 no bairro do Centro, na cidade de São Luís, que também serviu para mapear os estabelecimentos e moradias ocupadas pelo chineses. No trabalho de campo três coisas nos surpreenderam: a quantidade desses migrantes, o número de estabelecimentos pertencentes a eles em apenas duas ruas do centro e o fato de a maior parte desta população morar, especificamente, em três prédios.

Através de pesquisas bibliográficas foi possível constatar que, a migração dos chineses é estimulada pelo processo de globalização, está ligada a posição que a China ocupa na economia mundial e que o deslocamento de seus habitantes ocorrem por todo o mundo. Atualmente de maneira mais intensa e com novas características.

1.2 Migração, globalização e redes sociais

As migrações sempre estiveram presentes na história da humanidade. A mobilidade populacional é característica dos seres humanos. Os movimentos migratórios são antigos, constituídos de interesse não só individual, como também coletivo (ALMEIDA, 2013), e estão associados ao nosso cotidiano, à procura de algo melhor ou diferente em outro lugar.

Um dos primeiros programas de estudo de migração internacional foi o da chamada Escola de Chicago, que se debruçou sobre comunidades de imigrantes nos Estados Unidos do começo do século XX, preocupados com a assimilação sociocultural dos estrangeiros na sociedade acolhida e com a segregação de cidade (PIZA, 2012). Pois, desde o fim do século XIX, mais pessoas começaram a sair de seus países em busca de novas oportunidades, principalmente nas Américas. Os EUA, por exemplo, receberam entre 1870 e 1900 mais de 20 milhões de imigrantes que buscavam uma oportunidade nos centros industriais.

As perspectivas contemporâneas de fenômenos migratórios, de uma forma geral tem como uma de suas características a compreensão da experiência migratória a partir de todas as suas dimensões temporais – seja a travessia ela mesma, sejam os momentos anteriores e posteriores a ela (SAYAD, 1998).

A palavra mais utilizada para se referir a pessoas que entram num país estranho para nele se estabelecerem é imigrante, enquanto aqueles que saem de um país para viver em outro é tido como emigrante.² Porém, Sayad ressalta que esses processos são complementares, duas faces da mesma realidade, ou seja, o indivíduo que sai de seu país assume as duas posições ao mesmo tempo, se tornando um emigrante-imigrante.

Na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo [...]. [...] o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração [...], a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não estiver sido definitivamente esquecido como tal [...] (SAYD, 1998, p. 14)

Por isso, iremos utilizar o termo “migrante” por ser mais abrangente, que segundo Ferreira (2001) é aquele que muda de país ou de região, sempre que nos referirmos aos chineses que estão fora de seu país, na atualidade, e veremos, mais à frente, porque esse termo é mais viável.

Para Aurélia Castiglioni (2009) há uma dificuldade de construção de uma teoria geral para medir, explicar e prever a mobilidade espacial devido a sua complexidade, e nenhuma teoria completa foi validada. Segundo a autora:

Migração é um processo complexo que afeta a vida e o comportamento dos migrantes, suas famílias e suas redes parentais e comunitárias, e, em termos da estrutura da sociedade, por seu caráter bilateral, a migração provoca modificações na distribuição, na dinâmica e na composição da população, interferindo na vida econômica, política e social das comunidades de partida e de chegada dos imigrantes. A decisão de migrar, implica trocar o ambiente familiar e social por uma situação muitas vezes desconhecida, é movida por forte motivação, que traduz a insatisfação do indivíduo com sua situação na região de origem, como também seu desejo de encontrar uma nova terra, na qual todas as suas aspirações serão concretizadas (CASTIGLIONI, 2009, p. 39).

² Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa.

A autora explica que pelos estudos sociológicos os migrantes não devem ser considerados individualmente, mais como integrantes de estruturas sociais mais amplas, cujos atores realizam conjuntamente as várias etapas do empreendimento migratório.

Os trabalhos desse eixo argumentam que o processo migratório não se restringe a uma decisão individual, mas de uma estratégia que envolve outros atores sociais, como a família ou grupos mais extensos que compreendem amigos e conhecidos (STARK, 1991). Segundo essa abordagem, os integrantes do grupo participam em conjunto das diversas fases do processo de tomada de decisão: na busca da informação, na análise dos custos e benefícios do movimento, na realização da migração e, também, no processo de integração que ocorre na região de destino, buscando as melhores alternativas para melhorar a renda, minimizar os riscos e superar os problemas que podem ocorrer durante a migração e no processo de inserção na região de destino (CASTIGLIONI, 2009, p. 48).

Para Portes, as várias etapas do processo migratório são consideradas dentro da esfera das relações que ocorrem nos grupos étnicos, e redes sociais, o que favorece o entendimento da complexidade do processo migratório. Nessa linha, a motivação econômica não pode atuar como a principal causa da migração de grupos (1995, apud PIZA, 2012).

Atualmente, os fluxos migratórios estão mais diversificados quando comparados aos que ocorreram nos séculos XIX e XX, em que, por exemplo, os “imigrantes”, além de morarem próximos uns dos outros, procuravam inserir aspectos de sua cultura na comunidade local, construindo elementos, na área em que ocupavam, que lembrassem seu país, formando os bairros étnicos.

Os migrantes chineses da atualidade já não buscam uma segregação cultural, mas sim uma invisibilidade no local em que chegam, onde estão o tempo todo em contato com sua terra natal e não tem o lugar pra onde migram como um ambiente de fixação definitiva, pelo menos entre os da primeira geração, aquela que vivenciou o processo de deslocamento.

O sociólogo Alain Tarrus redefine o próprio vocabulário e mesmo os conceitos para dar conta dessa mudança histórica das formas migratórias: no lugar de imigrado [immigré] aquele que ao deixar um país, obrigatoriamente, estabelece-se em outro, utiliza o termo circulante [migrant], aquele que ultrapassa as fronteiras e o regime de sedentarismo, mais conhecido em nossa língua pelo termo migrante (apud PIZA, 2014, p. 30).

É nesse conceito que se inserimos a comunidade chinesa que vive no Maranhão, atualmente, e atuam no setor comerciário. O migrante circulante passa por diferentes entrepostos comerciais em busca de vantagens comparativas, retornando frequentemente a sua cidade natal e reiniciando o ciclo migratório por aquela ou outras rotas, sendo também chamados de empreendedores nômades³.

Outro fator importante para entendermos as migrações na atualidade é a globalização.

O fenômeno da globalização contribui de modo significativo para a migração internacional, visto que, os avanços dos meios de comunicação e dos transportes, contribuíram para a aproximação entre pessoas de variados países (ALMEIDA, 2013, p. 9).

Apesar do processo de globalização ter sido iniciado pelas grandes navegações no século XVI, e ter sido estimulado pela Revolução Industrial e seus sucessivos ciclos de inovação tecnológica, levando as principais economias a buscarem novos mercados e aumentando o fluxo comercial pelo mundo, esse processo intensificou-se ainda mais no século XX com a expansão das empresas multinacionais (MAGNOLI, 1999).

Hobsbawm (1998) destaca a economia global única como o maior fato do século XIX. Para Barraclough, a história contemporânea apresenta como uma de suas características principais o fato de que “a história mundial e as forças que lhe dão forma não podem ser compreendidas se não estivermos preparados para adotar perspectivas mundiais” (Apud AYERB, 2002, p. 54).

Segundo Magnoli (1999), a globalização se realiza pela intensificação e pelo aprofundamento dos fluxos econômicos. O comércio internacional, os investimentos de capitais no exterior e os fluxos de informações integram as economias e os mercados nacionais numa economia-mundo que abrange todo o planeta. (MAGNOLI, 1999, p.23)

Para Milton Santos (2008), a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista e contribui para a

³ São os empreendedores nômades, ou seja, migrantes leais a seu lugar de origem, pois mantêm com eles relações comerciais, fazendo de suas idas e vindas um aproveitamento comercial dos diferentes preços, informações e tecnologias (TARRIUS, 2002, p.33)

ampliação da circularidade de pessoas, de capital, da diminuição das distâncias físicas e para o trabalho em redes.

A revolução tecnológica e das comunicações é umas das características do processo de globalização, e facilita a inserção de estrangeiros em países diversos do seu de origem, onde a comunicação, informática, tecnologias e transportes estão ao acesso de todos, havendo assim, uma maior aproximação de povos, o que facilita a circulação de pessoas e mercadorias. “A expansão da cultura, do modo de vestir, da musicalidade, da gastronomia, é outro aspecto da globalização, que também se insere em outras nacionalidades, facilitando assim, a adaptação de indivíduos em diferentes países” (ALMEIDA, 2013, p. 19).

Assim, não há como compreender as migrações na atualidade, sem pensar no processo de globalização que se intensificou nesses últimos anos. A mobilidade dos migrantes do século XXI tem se impulsionado com novos objetivos, conforme os avanços das redes sociais e tecnologias da informação que revolucionaram a noção de tempo, de proximidade e duração, e impõe o tempo real a serviço do circulante, que consegue manter-se conectado para acompanhar o crescente mundo globalizado. Dana Diminescu anuncia, assim, a era do “migrante conectado”, o migrante do século XXI. Antes: migrar e cortar raízes; agora: circular e manter contato (2007, apud PIZA, 2012).

Estando aqui e ali ao mesmo tempo, fazendo-se valer de uma nova capacidade de comunicar-se, representar-se e movimentar-se potencializada pela tecnologia atual, o migrante conectado rompe com as cisões tradicionais de estrangeiro, na medida em que forja uma nova cultura de laços, abandonando o regime de fixação definido, durante a modernidade, em termos nacionais (PIZA, 2012, p.30-31).

Para Diminescu, o pertencimento múltiplo a territórios distintos, assim como as redes diferentes e a hipermobilidade, são elencadas por parte da literatura como marcas peculiares do novo migrante, conectado aos pontos por onde passou, ao mesmo tempo, simbólica e concretamente.

Além disso, as redes sociais proveem uma espécie de capital social que os imigrantes podem acessar para alavancar seu sucesso econômico, e a sociabilidade através das redes sociais, dissemina certo tipo de “saber circulatório” que rende uma autonomia conquistada pelos migrantes- um espaço que apenas eles são capazes de operar (PORTES; SENSENBRENNER, 1993 apud PIZA, 2012).

As redes, circuitos e trajetórias que se formam entre os grupos de migrantes fazem circular entre seus indivíduos as maneiras pelas quais se entra no mercado de trabalho da economia “informal”, o modo como negociar os “mercados de proteção” ou como se alojar (PIZA, 2012, p.27).

Outra perspectiva é trazida por antropólogos e sociólogos de comunidades transnacionais que levantam a ideia importante sobre a ligação que se estabelece entre local de origem e destino, através das múltiplas relações sociais, culturais, econômicas e políticas, das “vidas duais” dos migrantes. As relações que ligam os migrantes aos que permaneceram em suas regiões são de importância fundamental para a compreensão dos mecanismos que intensificam os fluxos entre determinadas regiões e das estratégias utilizadas pelos migrantes que compõe as redes.

Em vez de serem vistos pertencentes a um ou outro lugar, são vistos como estando aqui e ali ao mesmo tempo, especialmente a partir das novas tecnologias de comunicação e transporte, formando comunidades transnacionais (PORTES, 1997 apud PIZA, 2012). Essas comunidades transnacionais são uma parte importante, mas pouco relatada, da mundialização⁴. A migração internacional⁵ de que são frutos responde a uma lógica de capitalismo, segunda a qual os indivíduos são impulsionados a deixarem seus países diante de um quadro insatisfatório gerado pela globalização do capital nesses locais, resultando em um incentivo a aproveitarem melhores oportunidades longe de casa.

Através de pesquisas realizadas sobre a migração chinesa na atualidade, constatamos que ela acontece em diversos países do mundo, incluindo o Brasil como uma de suas rotas, sendo observado neste, uma mobilidade interna dessa população, saindo da região sul para o nordeste em buscar de novos mercados, onde possam atuar com a venda de produtos importados.

⁴ Globalização.

⁵ Migração internacional- é um tipo de mobilidade humana onde pessoas de u determinado país decidem residir ou adentrar outro país para a realização de seus objetivos. Vários motivos estão na base de entendimento dos processos migratórios, não só econômicos, mas também psicológico, mas também psicológicos e comportamentais como busca por melhores condições de vida, vontade de viver em outro país, instalação de empresas comerciais, fuga de uma área de desastre natural ou existência de guerras, etc., (ROSEANE,2014).

A comercialização de produtos chineses, principal atividade exercida por esses migrantes, possui grande envolvimento e relação com o crescimento econômico da China, que é considerada a segunda maior economia mundial, atrás apenas dos Estados Unidos. A República Popular da China é uma das grandes beneficiárias do processo de globalização e expansão comercial, tendo cada vez mais destaque no mercado global. Os produtos produzidos nesta nação estão presentes em diversos setores da economia de diferentes países, em todos os continentes do mundo (ALMEIDA, 2013).

De acordo com a Organização Mundial do Comércio (2012), a China é o primeiro país exportador mundial, e dentre os produtos exportados, os de maior quantidade são produtos de telecomunicações, e é a partir desta, que a globalização se propaga (ALMEIDA, 2013, p. 19).

Entre China e Brasil não se pode falar que haja uma migração de um país industrializado baseada nos diferenciais de preço, mão de obra, produto disponível e informações. São novas rotas migratórias vinculadas a novos circuitos mercantilista, capitalista e globalizado na contemporaneidade (PIZA, 2012).

Os migrantes da atualidade, não são mais aqueles que vinham trabalhar nas plantações do Brasil, ou a mão de obra fordista que abastecia a indústria dos EUA e outros países após suas independências nacionais, mas sim comerciantes pendulares que atravessam consigo produtos de um ponto a outro.

Piza (2012), ao falar dos migrantes chineses da rua 25 de Março em São Paulo, explica que o fenômeno faz parte da migração internacional que não busca a integração à sociedade de destino, tampouco se sujeita a atividades econômicas precárias, mas que experiêcia a mobilidade como uma maneira de aproveitar as oportunidades de comércio, transformando os laços sociais e a própria habilidade de circulação em capacidade de comercializar produtos para além dos marcos normativos formais.

Para o autor, a grande oportunidade aberta aos chineses não é o permanente comércio baseado no diferencial de preços e produtos entre seu lugar de origem e o local onde se estabelecem, mas sim na entrada para um comércio pujante territorializado e, portanto, requer uma sedentarização temporária e predatória – que se efetiva apenas na medida do sucesso econômico, sem demandas de cidadania política ou integração social e sem

lealdade alguma a esse local, abandonado por outro no primeiro momento em que novas oportunidades relativas forem vantajosas.

No Brasil as redes mercantis ativadas pelos chineses, fazem chegar os produtos *made in China* a São Paulo, e de lá abastecem várias outras cidades. Nesse sentido, não apenas pelo volume, mas também porque o dispositivo comercial do qual esses migrantes fazem parte é de outro tipo, baseado nas galerias de comércio e nos contêineres, movimentando grandes fluxos portuários (PIZA, 2012).

2. IMIGRAÇÃO CHINESA

Neste capítulo abordaremos a questão imigratória dos chineses no Brasil. Inicialmente, sua chegada ao eixo centro-sul com a cultura do chá, sua transição para o comércio e sua posterior movimentação para estados do Norte e Nordeste do país. Posteriormente, sua instalação no estado do Maranhão e em sua capital.

Este panorama histórico é essencial para o desenvolvimento do trabalho considerando que através dele compreendemos as condições da chegada e instalação dos chineses no Brasil e em São Luís.

2.1 Imigração de chineses: panorama histórico

A primeira vinda de imigrantes asiáticos em grande quantidade para o Brasil ocorreu no início do século XIX, através de um planejamento econômico realizado pelo governo de D. João VI, como maneira de contornar a proibição do tráfico negreiro. O imperador autorizou a vinda de 2.000 chineses em 1810, mas, apenas dois anos depois, desembarcaram no país os primeiros integrantes de uma colônia em Macau para trabalharem na fazenda da família imperial, no Rio de Janeiro, com a introdução da cultura de chá no país. “A plantação chinesa de chá no Jardim Botânico do Rio de Janeiro foi documentada pelo pintor alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858), durante sua primeira viagem ao Brasil, entre 1821 e 1825. O artista publicou a gravura em seu livro *Viagem pitoresca através do Brasil*, cujo texto faz referência a uma colônia de 300 chineses na cidade” (SHU, 2009, s/p).

No entanto, o cultivo de chá fracassou e, além disso, muitos chineses não aceitaram a forma como eram tratados, mais semelhantes a escravos do que trabalhadores livres. Por este motivo, muitos acabavam fugindo das fazendas e se estabelecendo em outros locais da cidade para trabalhar como vendedores ambulantes e cozinheiros. Assim, andavam com suas sacolas cheias de mercadorias de um lugar a outro, batendo de porta em porta a procura de compradores para seus produtos. Por volta de 1825, vários chineses registrados com nomes brasileiros já tinham adquirido licença para mascatear⁶, e, assim,

⁶ Mascatear. Vender mercadorias em domicílio; comerciar na qualidade de mascate. Vender mercadorias pelas ruas. (<http://www.osdicionarios.com/c/significado/mascatear>)

com o passar do tempo, os plantadores tornaram-se mascates, vendendo peixes e pastéis nas ruas. A escolha pela venda de pastéis devia-se pelo fato desse comércio exigir pouco capital e permitir ao vendedor trabalhar sozinho (SHU, 2009).

A segunda metade do século XIX pode ser demarcada como aquela em que a imigração passou a desempenhar um papel central. “Historiadores calculam que mais de dois milhões de ‘trabalhadores contratados’ foram embarcados para fora da China, entre 1851 e 1900. Cerca de 700 mil deles estacionaram nas Américas” (ARAÚJO, 2015, p. 70).

Durante alguns anos do século XIX, houve uma resistência do governo chinês em enviar seus cidadãos para o Brasil, devido a relatos de maus tratos. Mas, em 1882, com o apoio do governo brasileiro, foi fundada no Rio de Janeiro a Companhia de Comércio e Imigração Chinesa (CCIC), com o objetivo de trazer ao Brasil 21 mil trabalhadores. Porém, mais da metade do primeiro grupo de mil chineses que foi enviada pela CCIC a Minas Gerais para trabalhar na Companhia Mineradora de São João d'El-Rey, se recusou a pôr os pés na mina, e aqueles que aceitaram, fugiram pouco tempo depois (SHU, 2009). Os *coolies*⁷ saíam de seu país após a assinatura de um contrato de trabalho, que deveria ser algo voluntário, mas, apesar disso, muitos embarcavam obrigados nos barcos, para abastecerem campos de trabalho, principalmente na América (TSAI, 1976 apud MINNAERT, 2016).

Esse foi um dos fatores que fizeram com que o governo brasileiro desistisse de estabelecer a contratação de trabalhadores chineses e se voltasse para outro grupo de asiáticos, o dos japoneses (CONRAD, 1975 apud MINNAERT, 2016). Assim, no Brasil, o fluxo de *coolies* não foi expressivo.

A chegada de migrantes chineses ao Brasil está ligada a fatores conjunturais de sua região e às oportunidades que se abriram nas Américas. Se

⁷ O termo *coolie* tem sido empregado para designar o trabalhador braçal asiático, especialmente chinês, requisitado nesse período, através de um contrato de trabalho. Mas, apesar de o contrato garantir sua condição de livres, eles eram submetidos a condições similares às de escravos: eram marcados, vendidos, revendidos, alugados, traficados, emprestados, vigiados, punidos e recebiam o nome de seus proprietários. O termo “livre” era apenas uma estratégia de mercado que permitia o seu trânsito, mesmo com a proibição da escravidão. O trabalho *coolie* foi empregado no Peru, Estados Unidos, Cuba, Colômbia, Ilhas Maurício, Austrália, Fiji, Malásia, Singapura, Inglaterra, África do Sul, criando o alicerce para a expansão do capital. (YUN, 2008)

comparada a diáspora histórica dessa população, a vinda para o continente americano ocorre mais tardiamente e em menor escala que em outros locais. É difícil fazer a datação exata de quando esse deslocamento de chineses pelo mundo começou.

Apesar de não ser objetivo deste texto discutir o contexto histórico, econômico, social ou cultural da China, ou ainda explicar os motivos que levaram milhares de chineses a saírem de seu país ao longo de anos, se faz necessário algumas considerações que serão feitas ao longo do capítulo.

No início do século XX, com reorganização interna na china, devido à decadência do império Qing em 1911, as emissões de chineses para as terras brasileiras foram reduzidas drasticamente (ARAÚJO, 2015), e os que vieram após esse período voltaram-se principalmente para o pequeno comércio ambulante, conhecido como *tibao*, carregando bolsas cheias de mercadorias através das ruas, bairros e residências, assentando posteriormente seus negócios e estabelecendo pontos de venda localizados, geralmente próximo ao centro comercial, operando na venda de produtos chineses. As poucas histórias de sucesso desses imigrantes e de outros, que fugiram das fazendas e se estabeleceram como vendedores ambulantes nas ruas das cidades, principalmente do Rio de Janeiro, voltavam para a China com os retornados e alimentavam o imaginário de jovens que viviam nos pequenos povoados (SHU, 2009).

De acordo com o Chang- Cheng Shu (2009), os primeiros lojistas chineses a trabalharem com produtos importados da China foram Chou Chiwen e Wang Yi-Trong, que chegaram ao Rio de Janeiro em 1926, e devido ao sucesso nas vendas expandiram seus negócios de varejo para atacado, diversificando também suas mercadorias.

Essa nova fase apresentava uma estrutura diferente da anterior, pois era formada por migrantes que saíam voluntariamente de seu país, com recursos próprios ou com a ajuda de uma rede de apoio em busca de oportunidades de negócios. Eles tinham mais autonomia na busca da sua rota e buscavam se estabilizar no novo território, depois de algum tempo.

Em termos globais, por volta de 1930, mais de oito milhões de chineses haviam deixado a China para se estabelecerem em outros locais, nos quais frequentemente se tornavam negociantes, comerciantes e banqueiros bem-sucedidos. Segundo Sowell (1988), esse fato despertou o mesmo tipo de ressentimento, violência esporádica e perseguição política experimentados por judeus na Europa, sendo vez ou outra chamados de “judeus asiáticos” (apud ARAUJO, 2015).

Entre 1931 até a década de 1950, período em que ocorreu a guerra sino-japonesa e o estabelecimento do regime comunista na República Popular da China em 1949, os chineses espalhados pelo mundo eram, em sua maioria, originários de províncias costeiras como Xangai, Guangdong, Shandong, Fujian e Zhejiang (SHYU e JYE, 2008). Foi entre 1950 e 1960, que esses imigrantes chegaram ao Rio de Janeiro, se instalando no Saara, tradicional ponto de comércio popular da cidade, provenientes da China Continental e de Taiwan, onde introduziram novos ramos de comércio como artigos para presentes, flores artificiais, entre outros (ARAUJO, 2015).

Enquanto isso, no fim da década de 1960, na Indonésia, descendentes de chineses fugiram do regime do ditador Suharto, imigrando para o Brasil. Em 1971, a República da China (Taiwan, então Formosa) foi substituída, na Organização das Nações Unidas – ONU -, pela República Popular da China, e, em 1979, os EUA romperam relações diplomáticas com Taiwan. Os eventos levaram à emigração de chineses taiwaneses e o Brasil foi um dos destinos. (ARAUJO, 2015).

A partir de 1970, acontece a abertura econômica da China e, a partir desse período, cada vez mais chineses continentais entram no Brasil e num grau maior que os taiwaneses, face à multiplicação em Guangdong da pequena e média indústria de produção de bens do tipo “bugiganga”, impulsionando um processo migratório interno e externo de proporções inéditas (ARAUJO, 2015, pg.77-78). Naisbitt (1997) explica que, durante as décadas de 1980-1990, o número de imigrantes chineses espalhados pelo mundo aumentou consideravelmente.

A expressão “chineses no exterior” se refere aos chineses étnicos que vivem fora da China Continental. Os 57 milhões de chineses acham-se dispersos entre sessenta países em todo o mundo, mas cerca de 85 por cento residem no Sudeste Asiático (NAISBITT, 1997, p.7).

Marcelo Araújo (2015) cita a vinda de 500 chineses que eram refugiados em Moçambique, em 1980, para o Brasil, estabelecendo-se em Curitiba, onde diferentemente do país africano e outros países, como a Indonésia, onde eles preferiam não se integrar a sociedade local, aqui esses imigrantes se misturaram a população em virtude, segundo o autor, do espírito acolhedor do latino.

Quanto à migração atual de chineses para o Brasil e países vizinhos, presume-se que tenha se intensificado devido ao seu desenvolvimento econômico e às cooperações internacionais entre América Latina e China, especialmente por parte do Brasil. “Tais cooperações intensificam-se na primeira década do século XXI, com o crescimento econômico de ambos os países. Sendo assim, não é incomum que os fluxos migratórios aumentem entre os países” (AMORIM, 2016, p.188).

Porém, os Estados Unidos continua a ser o país que recebe o maior número desses imigrantes no continente americano, mas como já foi dito, esta movimentação de chineses ocorre no mundo todo.

Nos contornos contemporâneos da imigração chinesa, os Estados Unidos tem mantido seu protagonismo como afirma Zhou (2009). Somente entre 2000 e 2006 imigraram mais de 400 mil chineses. Esse fluxo contínuo se materializa nas *chinatowns* e no que a autora chama de *ethnoburbs*, os subúrbios étnicos chineses de classe média [...] Portugal e Espanha também experimentaram um crescimento acentuado da imigração chinesa. Portugal viu seu contingente de imigrantes chineses crescer em 476% entre 1995 e 2007 (SANTOS, 2011). Na Espanha, segundo Lopez, as lojas de “*todo a cien*” e os restaurantes chineses se espalham por muitas cidades (LOPEZ, 2005) [...] Não só a Europa e os Estados Unidos têm recebido fluxos migratórios de chineses. A migração regional também tem crescido e os chineses continuam sendo um dos maiores e mais influentes grupos imigrantes na região do pacífico. Singapura, Japão, sudeste da Rússia e Austrália, na Oceania, tem recebido grandes contingentes de chineses. A África é um continente que tem se destacado nesse novo contexto migratório de chineses, pois, o continente tem sido um importante parceiro comercial da China, fornece terras cultiváveis, cada vez mais escassas no país devido à urbanização acentuada, o que permite uma maior aproximação e a entrada dos imigrantes chineses e suas mercadorias (SKELDON, 2011, apud GOES, 2015, p. 307-308).

Segundo Almeida (2013), pesquisas têm apontado que existe um planejamento estratégico na China que tem estimulado a emigração chinesa, em

direção a diferentes países do mundo, para a comercialização de mercadorias oriundas da indústria chinesa.

Sendo assim, uma das marcas importantes da diáspora chinesa é a motivação econômica desses movimentos, não única, que tem como característica a migração focada no comércio, remetendo a migração histórica dessa população, principalmente no Brasil, pois mesmo aqueles que vinham trabalhar em outras atividades, acabavam se envolvendo com o comércio de algum tipo de mercadoria. Porém, essa visão é muito limitada, pois não dá conta de explicar a complexidade econômica e social dessa mobilidade, principalmente, face às mudanças e avanços que tem ocorrido em todo mundo e tem conectado os países do globo de diversas maneiras.

À medida que se aprofunda o processo de globalização econômica, os fluxos migratórios internacionais se aceleram, principalmente em direção as grandes metrópoles. Roseane Almeida (2013), explica que a globalização, além de beneficiar a China, contribui para os movimentos migratórios de seus trabalhadores na contemporaneidade. O país tem se destacado pelo seu grande crescimento econômico com uma larga escala de produção e exploração de mercadorias, gerando, junto com a circulação de mercadorias, uma maior mobilidade de pessoas pelo mundo, que aproveitam a produção do seu país e migram para outros países onde atuam, notadamente, no comércio popular (SOUSA, 2016). O fato da China ser o país mais populoso do mundo e se encontrar no continente com a maior população, onde custos com moradia e alimentação são elevados, principalmente na área urbana, também favorece a mobilidade de sua população.

Essa nação, atualmente, é considerada a segunda maior economia mundial, atrás, apenas, dos Estados Unidos, o qual já o ultrapassou em volume de exportações, conquistando o primeiro lugar no mundo na exportação de produtos utilizados na telecomunicação (ALMEIDA, 2013). Assim, a China tornou-se um país referência no processo de globalização, comercializando, ainda, utensílios domésticos, brinquedos, roupas, calçados, entre outros.

Nessa perspectiva, a globalização impulsiona uma expansão comercial, levando a uma abertura financeira, de modo que produtos, produzidos nos mais

diferentes países, circulem com maior facilidade, como vem ocorrendo com a “invasão” de produtos chineses no Brasil (ALMEIDA, 2013). Este fenômeno aumenta, ainda mais, com a grande quantidade de chineses presentes no Brasil, como veremos a seguir.

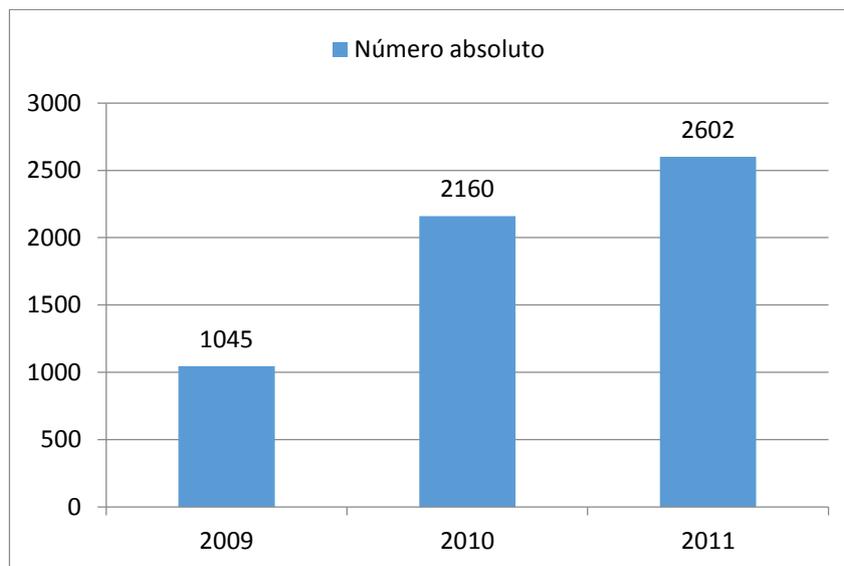
2.2 A atual movimentação migratória chinesa no Brasil

Uma das formas dos chineses entrarem no Brasil é pela rota do Paraguai, e 90% deles se estabelecem em São Paulo, ocupando áreas geográficas específicas e os outros 10% espalham-se pelo Brasil, principalmente, no Rio de Janeiro e no Paraná. Ainda hoje, “São Paulo é a cidade mais buscada por imigrantes chineses e suas comunidades são formadas principalmente por pessoas provenientes de Guangdong, Taiwan, Shandong, Xangai, Zheliang, Fujian, Beijing, Henan e outras regiões” (ARAUJO, 2015, p. 78).

Conforme análise dos dados do SINCRE (2014), realizada por Marcela Amorim, entre 2000 e 2014, os imigrantes chineses compõem o quarto grupo de estrangeiros mais representativos no Brasil atrás, apenas, dos bolivianos, estadunidenses e argentinos. No período, foram registrados 37.417 chineses no Brasil, o que representa 4,6% do número total de imigrantes para período (AMORIM, 2016, p.188. par.3).

Além disso, segundo o MTE (2012), o número de autorizações concedidas aos chineses no Brasil sofreu um considerável aumento entre os anos de 2009 a 2011 (gráfico 1), mesmo levando em consideração que tais números estão subestimados, já que muitos deles permanecem no país sem legalização.

Gráfico 1 – Evolução das autorizações concedidas aos chineses no Brasil



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (Apud AMORIM, 2016).

Em nível de comparação, o número de vistos permanentes obtidos por cidadãos estadunidenses, em 2012, chega a 707. Menos surpreendente é o número de chineses que obtiveram o visto permanente também em 2012: 893. Número insignificante se considerarmos o vigor excepcional da emigração chinesa pelo mundo. Mas, ainda assim, é interessante observar que os Estados Unidos e China superaram, em representação, países com tradição migratória mais forte rumo ao Brasil, tais como Itália, com 320, e Japão, com 609, no mesmo ano (AMORIM, 2016).

Acerca da presença de chineses no Brasil Almeida (2013) coloca que não é difícil perceber a presença chinesa ao se transitar pelas ruas dos centros comerciais, e que até a década de 1990 estava concentrada nos grandes centros urbanos, mas atualmente essa população está se inserindo nos grandes e médios municípios para a comercialização de seus produtos. A autora ressalta que o estado de São Paulo continua sendo o lugar de maior atração para esses migrantes, pois além de ser um local de centralização do capital, possui a maior escoação de mercadorias. Mas os chineses estão ultrapassando as rotas dos grandes centros, e fixando suas empresas nas cidades médias. Explica ainda que:

A presença chinesa no Brasil traz modificações no âmbito cultural, social, mas principalmente, no econômico, uma vez que, empresas e

produtos originários da China estão adentrando no território nacional em grandes escalas, sendo que a principal característica dessas empresas é a comercialização a baixo custo. A inserção de empresas e a comercialização de produtos chineses, podem ter consequências positivas, uma vez que a concorrência acaba beneficiando os consumidores brasileiros, mas, por outro lado, essa comercialização a baixo custo pode prejudicar a economia nacional e influenciar na desestruturação de empresas nacionais, regionais e locais, a longo prazo (ALMEIDA, 2013, p. 26).

Nesses últimos anos e, principalmente, na primeira década do século XXI, a população de asiáticos tem crescido de maneira surpreendente em todas as regiões do Brasil, e esses imigrantes têm chegado ao país de maneira aleatória, ocupando-se quase sempre em atividades comerciais. De acordo com dados do Censo Demográfico 2010 do IBGE, enquanto a população brasileira cresceu 17,3% de 2000 a 2010, a população que se declara “amarela” cresceu 176,4% e esse crescimento foi percebido principalmente nos estados do nordeste onde havia uma tímida presença desses asiáticos (Jornal Estadão, 2011, s/p).

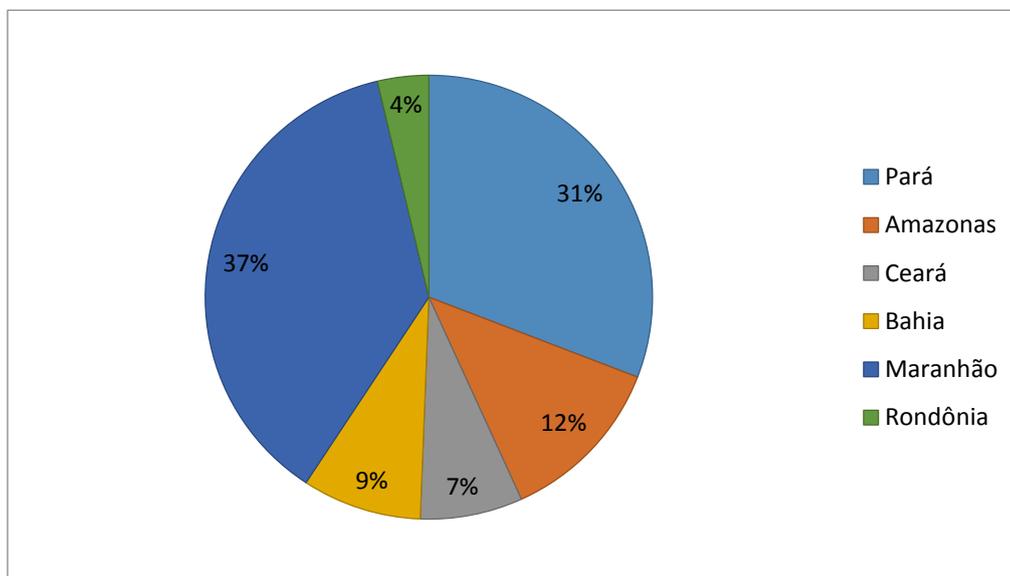
Muitos dos imigrantes chineses que residem, atualmente, nas regiões norte e nordeste, especialmente no Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, Amazonas, Bahia, Ceará e Rondônia, deslocaram-se do eixo centro-sul do Brasil. Até a primeira metade do século XX, São Paulo e Rio de Janeiro despontavam como as principais cidades de atração de chineses. Contudo, a partir de 1950, as cidades do sul, principalmente da fronteira com o Paraguai, e do nordeste, começaram também a atrair novos migrantes (MINNAERT, 2016).

A partir do momento em que a migração chinesa para São Paulo e Rio de Janeiro se intensificou, os novos imigrantes passaram a buscar novas rotas migratórias, onde as possibilidades de crescimento fossem maiores. Foi então, que cidades do nordeste começaram a despontar na rota da diáspora chinesa. Apesar de São Paulo permanecer como o estado que mais tem atraído a chinesa, com a dinâmica dos processos de globalização e das comunicações, outras Unidades da Federação vêm atraindo os chineses, não somente para as grandes urbes, mas também, para as cidades de médio porte.

Isso significa que há uma circularidade da mobilidade chinesa, saindo do centro sul e inserindo-se em estados das regiões norte e nordeste, como é o caso do Maranhão e de sua capital. Em gráfico (gráfico 2) feito por Almeida (2013), a partir de dados do Ministério de Trabalho e Emprego de 2012, observa-

se que o Maranhão foi o estado, das regiões norte e nordeste, que mais concedeu autorizações a esses imigrantes no ano de 2011.

Gráfico 2: Autorizações concedidas a chineses no Norte e Nordeste do Brasil, 2011.



Fonte: ALMEIDA, 2013, p. 28.

Esse deslocamento pode ser justificado pela saturação do mercado de chineses em grandes centros, como São Paulo e Rio, ou seja, a mobilidade se dá pela fuga da concorrência.

Os migrantes intensificam sua circularidade e constroem novas rotas. É uma cultura de mobilidade que desafia a ideia clara de deixar um local por outro. A chegada ao destino não é vista, em termo de expectativa, como a reconstrução de uma vida estabelecida nesse novo local, existindo a possibilidade de levar-se em consideração futuras migrações segundo lógicas parecidas com aquela que pesou na decisão pela mobilidade anterior (PIZZA, 2012, p. 31).

A migração chinesa se caracteriza por ser essencialmente urbana com destino a cidades grandes e médias, em busca de expansão comercial e sucesso econômico. Fica evidente a mobilidade chinesa dentro do Brasil, saindo do centro-sul e alcançando estados das regiões norte e nordeste, como veremos a seguir, e com um padrão de adaptação bem diferente de migrantes tradicionais, pois além de não deixarem seus países definitivamente por outro, sua inserção econômica também é distinta: em vez de se conformarem com as baixas remunerações dos setores industriais ou de serviços para os quais são necessitados e que incitam suas migrações, transformaram-se em pequenos empreendedores informais (PORTES, 1997 apud PIZZA, 2012).

2.3 A chegada dos chineses ao Maranhão

No Maranhão, um pequeno grupo de cinco agrônomos chineses chegou a São Luís na segunda metade do século XX, para ensinar aulas práticas de irrigação, perfuração de poços, análise de solo e técnicas agrícolas por volta de 1969, na Universidade Estadual do Maranhão, prestes a iniciar. Antes deles poucos chineses haviam passado pelo estado. Porém, apenas um deles permaneceu nessas terras, o seu Wang, que trouxe a família em 12 de junho de 1972, estabelecendo-se inicialmente no bairro Outeiro da Cruz e posteriormente, em 1974, no Centro. Aqui, os membros da família tornaram-se vendedores ambulantes, trabalhando com venda de produtos importados de diversas origens. Em 1986, mudaram de ramo devido a concorrência, abrindo o primeiro restaurante self-service de São Luís e, posteriormente, adicionaram ao negócio da família a venda de roupas, nos quais permanecem até hoje na Rua Grande no centro da cidade, sendo também donos do primeiro parque aquático do Maranhão, o Wang Park.⁸ Essa é a família chinesa de maior destaque em São Luís e a mais conhecida até os dias atuais na cidade.

Apesar da história da família Wang ser parecida com a dos primeiros chineses que vieram para o Brasil, principalmente por trabalharem com vendas, eles não possuem maiores vínculos com a migração chinesa que se intensificou no século XXI em São Luís, pois a migração atual dessa população ocorre em massa e se insere em um contexto mundial, tendo como uma de suas características a inserção em um local por meio de redes de apoio.

Até o século XXI, a presença de chineses no Maranhão não foi expressiva, do ponto de vista quantitativo. Porém, a partir dos anos 2000, em que os asiáticos se destacaram como o grupo de imigrantes que mais cresceu no Brasil, o estado também despontou como um dos destinos para essa população, da qual os chineses se destacaram. Esses migrantes, em sua maioria, se instalaram no centro da cidade de São Luís e vieram, principalmente, de outras regiões do Brasil, se ocupando quase que exclusivamente com atividades comerciais.

⁸ Informações obtidas na entrevista com Sr. Wang, proprietário de um estabelecimento comercial da rua grande em funcionamento desde 1974, em maio de 2018.

A migração chinesa para o Maranhão na atualidade se dá ao mesmo tempo em que se pode notá-la em outros estados do nordeste, sendo, principalmente, um local de reimplantação para comerciantes que buscam novos mercados.

Essa população se difere e chama a atenção devido ao fato de não terem vindo asiáticos para o estado, no período colonial, para povoar ou servir de mão de obra, como ocorreu em outras regiões do Brasil, principalmente no sudeste. Porém, houveram algumas exceções quanto à presença de asiáticos no Maranhão, como a de sírios-libaneses na cidade de São Luís e em outras cidades do interior do estado, entre 1885 e 1920, de caráter urbano e espontâneo, sem intermédio do estado, cuja imigração estava ligada a fatores conjunturais de sua região e as oportunidades que se abriam na América, trabalhando essencialmente com o comércio (MAGALHÃES, 2010).

Em 1960, também ocorreu a chegada de 109 japoneses no porto do Itaqui com destino à cidade de Rosário e, em 1961, chegou um segundo grupo de 51 pessoas com destino a Pedrinhas (SIQUEIRA JUNIOR, 2015), através de um acordo feito entre o governo do Japão e o Estado do Maranhão para trabalharem com agricultura e avicultura. Fora esses dois grupos, não se tem registro de presença de asiáticos de maneira tão expressiva como a que se pode perceber na atualidade.

A presença dos chineses no centro da cidade de São Luís desperta interesse pela grande quantidade desses migrantes, assim como de estabelecimentos comerciais gerenciados por eles. Apesar de discretos quanto a seu modo de viver, os seus traços físicos chamam atenção, especialmente pelo fato do Maranhão não ter recebido no passado grande contingente de asiáticos, como já foi dito. Fisicamente, são confundidos com muitos outros orientais, mas os chineses compõem o grupo predominante de asiáticos, senão exclusivo, no centro da cidade.

Diante do exposto nas páginas anteriores, é notório que a grande quantidade de chineses presentes em São Luís, principalmente após o início do século XXI, é resultante de um processo migratório bem maior que ocorre no Brasil e no mundo. No Maranhão, e principalmente em sua capital, o aumento desse grupo foi surpreendente nos primeiros anos desse século. De acordo com

dados da Superintendência Regional da Polícia Federal do Estado do Maranhão, divulgados pelo jornal *Estrangeiros no Brasil*, o grupo asiático foi o que mais cresceu, representando 15% do total de imigrantes em 2008, provenientes de países como Japão, Coreia do Sul, Filipinas e, principalmente, da China, chegando a mais de 300 pessoas, dos quais muitos chegam com visto de turista (*Jornal Estrangeiros no Brasil*, 2013, s/p).

Segundo o delegado da Polícia Federal em entrevista concedida ao jornal, os asiáticos estão migrando para diversos países do mundo, inclusive o Brasil, e, para facilitar sua entrada nos países, eles requerem o visto de turista que, em nosso país, é o mais fácil de ser concedido, porém, quando chegam, começam a desenvolver atividade remunerada, o que é vetado pela legislação.

Pelas informações da Polícia Federal, os asiáticos que chegam com visto temporário de permanência em muitos casos conseguem 'brechas' na legislação, que permite sua permanência em definitivo no município. Uma dessas 'brechas' está ligada às mulheres asiáticas. Algumas delas chegam a São Luís nos meses finais da gestação. Assim, com um filho nascido na capital maranhense, os pais têm condições de solicitar o visto de permanência. "O nascimento de filhos ou casamento é o principal mecanismo que estrangeiros irregulares utilizam para conseguir o visto permanente", frisou [...] Além disso, muitos imigrantes asiáticos que estavam em São Luís de forma ilegal deram entrada em sua anistia migratória, sancionada em julho de 2009, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Esse projeto permitiu que os estrangeiros em situação irregular no Brasil, até o dia 1º de fevereiro daquele ano, regularizassem sua situação e tivessem liberdade de circulação, direito ao trabalho, acesso à saúde, educação públicas e à Justiça (*Jornal Estrangeiros no Brasil*, 2013, s/p).

O jornal informou que, de acordo com o delegado de Imigração da Polícia Federal, Luís André Lima Almeida, havia 309 asiáticos com visto dentro do prazo para permanecer no estado em 2010, sendo 115 chineses, 92, filipinos, 57 sul-coreanos e 45 japoneses, que se localizam, em sua maioria, na cidade de São Luís. Segundo o delegado, o Serviço de Inteligência da PF cataloga os imigrantes ilegais e os envia uma notificação pedindo que se regularizem, caso isso não aconteça, são feitos os procedimentos cabíveis para que eles retornem ao seu país de origem. O problema é que os custos são altos e bancados pelo governo brasileiro, por isso não há muitas operações nesse sentido.

O interessante é que o crescimento da população "amarela" que atua no comércio em São Luís também teve um crescimento notável, principalmente devido ao fato de se fazerem presentes nas principais ruas do centro da cidade.

Esses asiáticos são percebidos por todos os frequentadores, pois se estabeleceram em ruas essenciais para o comércio, sendo donos de quase metade dos estabelecimentos comerciais da Rua de Santana e são oriundos, principalmente, da China.

Quem transita pela Rua Grande e proximidades, no horário de fechamento das lojas, se surpreende com a presença de tantos chineses circulando e que, de maneira alguma, passam despercebidos, devido suas características físicas e seu idioma. Assim, dirigem-se a suas moradias que na maioria dos casos se localiza próximo ao trabalho. Há alguns anos havia aqueles que expunham suas mercadorias nas calçadas, mas atualmente limitam-se a lojas e revendem para ambulantes brasileiros que trabalham nas ruas. No capítulo seguinte, veremos como se deu o processo de migração para São Luís e a transição das calçadas da Rua Grande para estabelecimentos comerciais.

3. A INSTALAÇÃO CHINESA

O objetivo deste capítulo é fornecer informações sobre os locais que esses migrantes se instalaram e compreender os motivos que levaram os imigrantes chineses a escolherem o centro de São Luís para implantarem seus negócios e residirem, além de entender a razão de comercializarem apenas produtos chineses.

3. 1. Metodologia e observações de campo

Para o desenvolvimento deste capítulo foi realizado o trabalho de campo, entre os meses de março e abril⁹ no bairro do Centro, com a finalidade de mapear os estabelecimentos comerciais e residenciais ocupados pelos chineses, e identificar o ano em que foram abertos ou ocupados, que só foi possível devido ao uso da história oral. Foram entrevistados apenas 12 donos de estabelecimentos chineses, número que não pôde ser maior devido à dificuldade na comunicação e à recusa de alguns em participar do estudo. Algumas entrevistas puderam ser mais bem aproveitadas que outras, por isso elas serão mais citadas neste capítulo.

Utilizamos também a história oral como metodologia e como fonte de estudo, devido à carência de informações sobre essa população, através da qual realizamos entrevistas abertas e semiestruturadas, que foram transcritas para um melhor aproveitamento, e serviram para esclarecer algumas indagações sobre a presença e adaptação dos chineses em São Luís. O critério utilizado para a escolha das pessoas foi o domínio do português, ou que entendesse razoavelmente o que falávamos para saberem responder aos questionamentos, possibilitando um diálogo proveitoso.

Para saber quais deles falavam nossa língua, fomos de loja em loja perguntando aos funcionários se os donos dos estabelecimentos falavam o nosso idioma, e mediante uma resposta positiva pedíamos para o funcionário traçar um pouco do perfil do chinês presente no local e, se possível, viabilizar uma conversa, e indicar outros chineses que falavam português.

⁹ O trabalho de campo foi realizado pela dupla Jordana Silva Sousa, graduanda do Curso de História da UEMA, e Paulo Anderson Câmara Ribeiro, graduando do curso de Administração da UFMA, que trabalha com o tema “empreendedorismo imigrante”.

Outro critério utilizado foi a idade, pois nas primeiras conversas com chineses eles mesmos nos explicaram que seria mais fácil o contato com os jovens, por serem mais abertos e também pela quantidade que entendia nossa língua, que era bem maior que a das pessoas mais velhas. Porém, esse fato não excluiu entrevistas com senhores que nos entendiam muito bem. Portanto, a língua foi o principal critério de escolha dos entrevistados, junto à disposição dos mesmos em conversar conosco.

Em campo, ficamos surpresos com o grande número de chineses que falam português e que nasceram aqui, o que demonstra que estão em nosso território há um período razoável de tempo, o que fez alguns chineses criarem vínculos com nosso território e se sentirem brasileiros. Também conversamos com muitos outros chineses e com trabalhadores locais de maneira informal.

Durante a pesquisa alguns dias pareciam não ter proveito, pois não conseguíamos conversar com os chineses, e às vezes até os funcionários se recusavam, como um efeito dominó, o dia em que alguém se recusava a falar, vários outros também não queriam diálogo. Contudo, fomos persistentes e às vezes, ao retornar ao mesmo local encontrávamos os comerciantes com outro humor, como foi o caso do senhor Li, que na primeira tentativa nem olhou para nós e sua esposa, brasileira, também não colaborou, mas na segunda visita em que ele estava almoçando enquanto atendia seus clientes, foi muito receptivo e passou quase uma hora conversando conosco.

Houve aqueles que ficaram muito desconfiados, pois só falaram o básico e pareciam não gostar da nossa presença, como se tivessem medo de estarmos ali para investigar alguma irregularidade. A Sr. Samy, por exemplo, perguntou quem a tinha indicado e depois de ter-nos autorizado fazer as perguntas, nos deixou quase 15 minutos esperando enquanto mexia no celular. Outras pessoas perguntaram durante as entrevistas “pra que é mesmo?” ou “até isso vocês querem saber?”. Também nos fizeram algumas perguntas, e questionavam o fato da nossa dupla ser de graduações tão distintas e estar realizando o trabalho juntos, como se isso desse margem pra certa desconfiança. Mas em geral, fomos bem recebidos pelos chineses que falavam ou entendiam nossa língua, o que nos deixou felizes, pois a imagem que tínhamos deles era de pessoas rudes e que não gostavam de dialogar com a população local.

Ao andarmos pelas ruas e pedirmos informações, também houve desconfiança por parte dos funcionários, alguns se recusaram a falar, respondendo “só com eles mesmos”. Houve muita curiosidade, principalmente por parte dos camelôs e alguns funcionários que queriam saber se era algum tipo de baixo assinado, ou pesquisa para tirar os chineses do comércio, tanto que alguns conversaram conosco achando que isso seria bom para eles, mas explicamos que as informações seriam para estudo universitário. Ao perguntarmos quando começou a chegada desses migrantes ouvimos “já faz um tempo”, “eles estão dominando tudo”, “eles já se sentem donos disso aqui”, expressões que revelavam que a presença deles é algo relativamente antigo e que se espalhou rapidamente na região do centro, gerando certo incômodo.

Algo que nos deixou surpreso foi o fato de todos os funcionários de chineses com quem conversamos possuírem carteira assinada, exceto aqueles que estavam em período de experiência, pois informaram que eles nunca assinam a carteira antes de três meses. Foi comum ouvirmos reclamações de que os patrões não respeitavam as 2 horas de almoço, que não toleravam atrasos e qualquer falta sem justificativa comprovada descontavam do salário.

Ao ouvirmos algumas pessoas, ficou evidente que boa parte do preconceito existente com relação a chineses é construído pelo desconhecimento de sua história e seus costumes. Chineses muitas vezes querem que o brasileiro possua um ritmo de trabalho chinês, que para o funcionário parece maldade, pois no Brasil há outros costumes e leis locais que garantem aos funcionários mais direitos que os trabalhadores possuem na China, onde você só recebe pelo que produz, gerando um ritmo acelerado de trabalho, por isso, muitos dos funcionários disseram que os chineses são fissurados em trabalho. Os patrões também fizeram algumas reclamações dos empregados relacionadas, principalmente, ao cumprimento de horários e à palavra dada que, segundo eles, não é levada a sério por boa parte dos brasileiros, se diz uma coisa hoje que amanhã pode não ter mais valor algum.

Apesar do nosso objetivo neste trabalho não ser abordar as relações sociais, queremos destacar que os diversos graus de relações entre chineses e ludovicenses dão-se, principalmente, pelo nível de entendimento e fala da língua portuguesa, pois a maioria dos funcionários que conversamos e reclamaram dos

donos de lojas, tinham patrões que não falavam ou não entendiam bem a nossa língua. Inclusive, alguns disseram que muitas vezes os chineses queriam que eles adivinhassem o que tentavam dizer, e quando isso não ocorria ficavam irritados. Também não podemos ignorar traços da personalidade de cada pessoa que, independente da nacionalidade, não são muito gentis. Quanto às visitas previstas a órgãos públicos, como a Polícia Federal do Maranhão e o Ministério do Trabalho, foram realizadas, porém não conseguimos informações oficiais devido à burocracia, pois apesar dos chineses fazerem seu registro na Polícia do Estado, os dados são enviados para a central em Brasília, de modo que o departamento local não possui o acesso completo a essas informações, sucedendo o mesmo no outro órgão. Por isso, tivemos que fazer um requerimento que foi enviado a Brasília, para obtenção dos dados, no caso da PF, e no Ministério do Trabalho, o funcionário Renato, responsável pela abertura de empresas, enviou do seu próprio sistema um pedido das informações solicitadas, esperando uma resposta mais rápida.

Contudo, até a entrega desse trabalho não obtivemos nenhum tipo de resposta, mas conseguimos uma conversa proveitosa com o agente da PF responsável pelo registro de imigrantes. As informações que se pretendia obter na polícia do estado era a quantidade de chineses legalizados no estado do Maranhão, e no Ministério do Trabalho a quantidade de empresas abertas legalmente por eles para compara-las com a pesquisa de campo. Porém, a falta dessas informações não prejudicou os objetivos do trabalho, que teve como principal fonte, como dito anteriormente, o trabalho de campo e as entrevistas.

3. 2 Dados e mapeamentos do centro de São Luís

O trabalho de campo realizado no centro de São Luís, teve como finalidade mapear os estabelecimentos pertencentes a chineses e coletar informações sobre os mesmos, para que se pudesse analisar o nível de atuação desses migrantes em São Luís e esclarecer algumas dúvidas. De acordo com os dados da PF publicados em um jornal,¹⁰ havia no Maranhão, em 2010, cerca

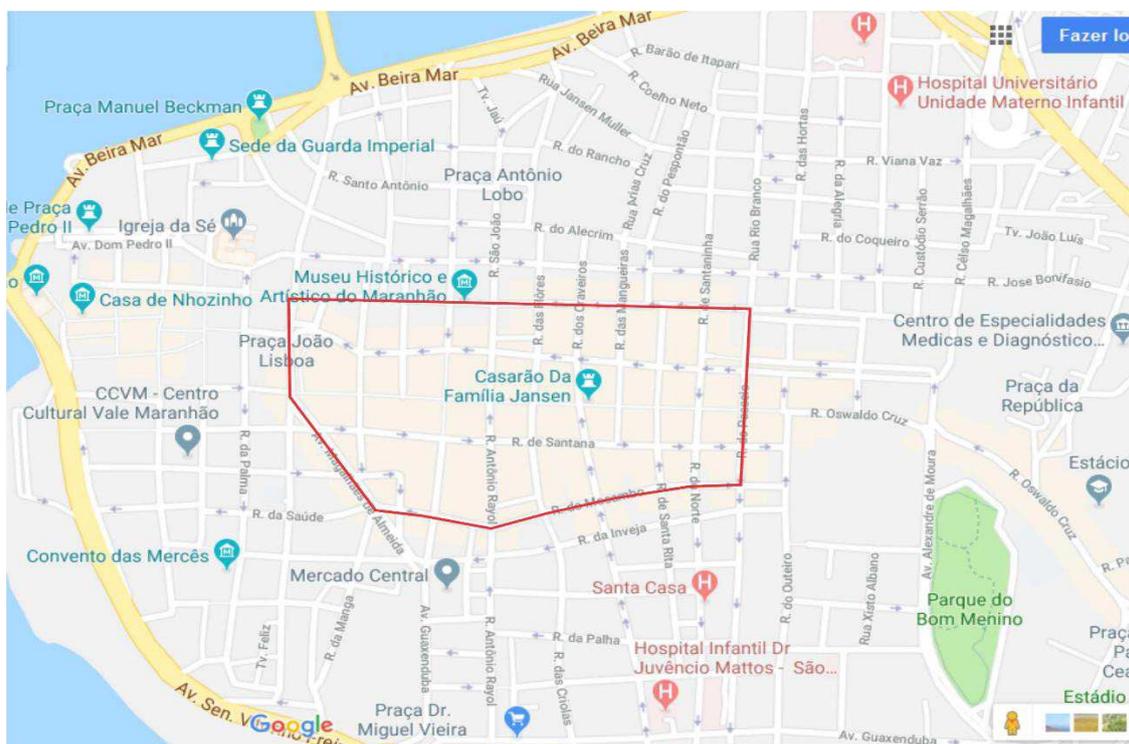
¹⁰ “Estrangeiros no Brasil”. Ver página 42 para maiores informações.

de 115 chineses, porém, o delegado salientou que esse número não retratava a realidade, pois se referia apenas aos que estavam legalizados e havia muitos que ainda estavam em situação irregular.

Mesmo com a legalização desses migrantes, é difícil se ter um número exato, visto que muitos foram registrados em outras cidades brasileiras de onde vieram. Desde 2013, quando a matéria saiu, a distância entre o número de migrantes legalizados e a realidade do quadro migratório podia e, ainda, pode ser facilmente visualizada quando se anda pelas ruas do centro da cidade de São Luís, já que a cada ano cresce o número de chineses na capital, o que nos surpreendeu no trabalho de campo, pois não tínhamos ideia da quantidade de chineses que residiam na região.

Através do mapeamento realizado (mapa 1), foi delimitada a área do centro de São Luís, onde esses migrantes atuam no comércio. A área corresponde, no sentido norte-sul, a Rua do Passeio e a Avenida Magalhães de Almeida, e no sentido Leste-Oeste, a Rua do Sol e a rua Rg. Bráulio, como mostra o mapa abaixo:

Mapa 1- área delimitada pela pesquisa com presença de estabelecimentos chineses no centro.



Fonte: Google Maps, editado por Jordana Sousa.

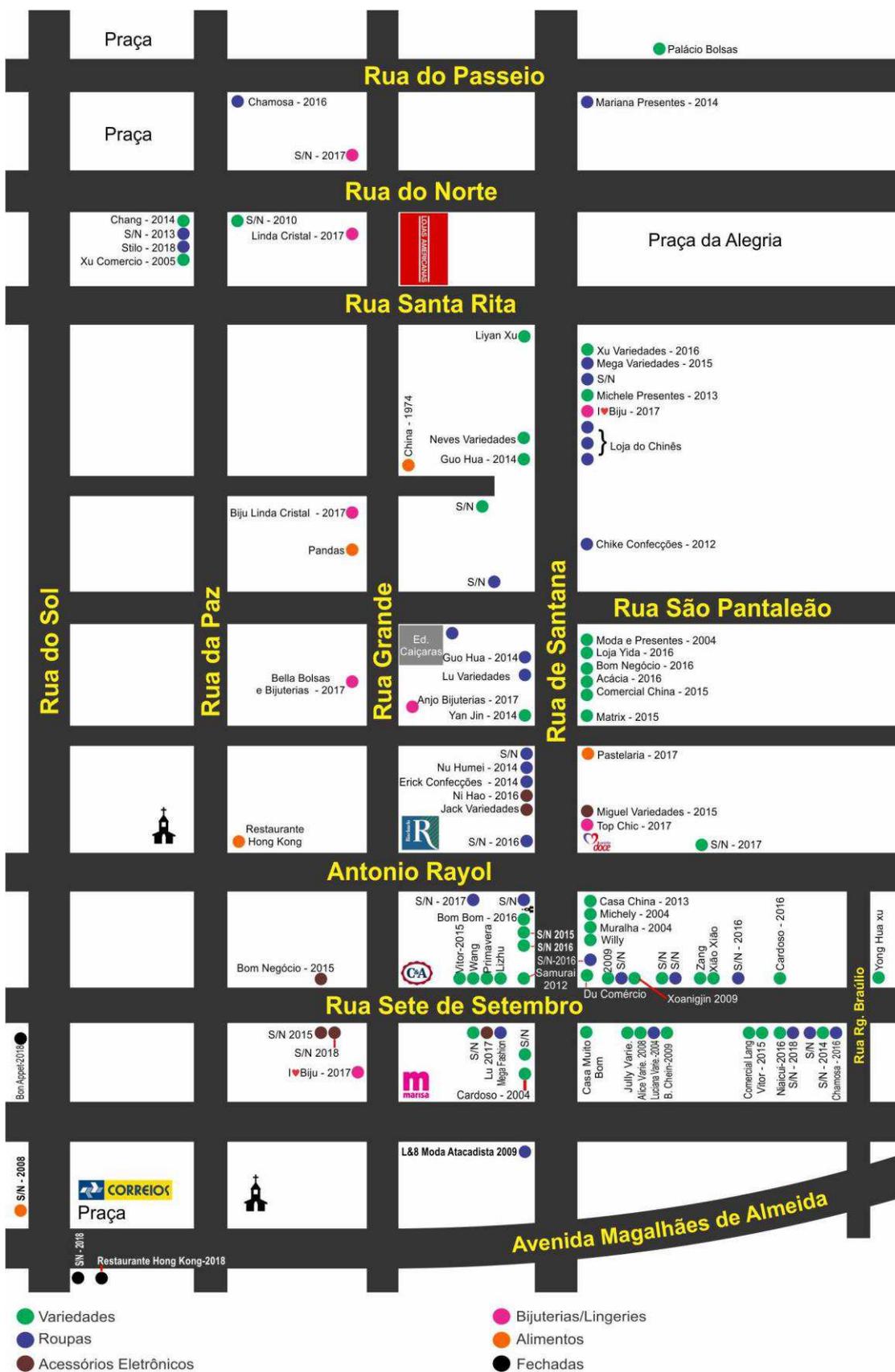
Apesar de se localizarem em várias ruas do centro, a maior quantidade de lojas se encontra em duas ruas específicas. O mapeamento realizado pontuou esses estabelecimentos, os tipos de produtos que comercializam e uma estimativa do ano em que foram abertos, baseado nas informações coletadas de donos de estabelecimentos, funcionários e vizinhos (figura 1). Na região delimitada pelo mapa (1), no qual foram contabilizados 99 estabelecimentos comerciais pertencentes a chineses, localizados em 10 ruas, sendo que 76 destes se encontram na Rua de Santana e na Rua Sete de Setembro como mostra a tabela (tabela 1).

Tabela 1: Organização dos estabelecimentos comerciais no Centro, São Luís-MA.

Nº de lojas	Ruas	Alimentos	Roupas e outros	Bijuterias e lingerie	Acessórios Eletrônicos	Variedades
1	R. do sol	1	0	0	0	0
5	R. da paz	1	2	0	0	2
8	R. grande	2	0	6	0	0
45	R. de Santana	1	15	2	3	24
2	R. do passeio	0	2	0	0	1
1	R. do Norte	0	0	0	0	1
1	Rua das Mangueiras	0	0	0	0	1
2	R. São Pantaleão	0	2	0	0	0
2	R. Antônio Rayol	0	0	0	0	2
31	R. Sete de setembro	0	8	0	4	19
99	Total	5	29	8	7	50

Fonte: Elaborado por Jordana Sousa com base no mapeamento realizado no trabalho de campo.

Figura 1: Mapeamento dos estabelecimentos comerciais no Centro, São Luís-MA.



Fonte: Elaborado pela Gráfica Maia, com base na pesquisa de campo (2018).

Conforme a pesquisa, as únicas lojas que não estão inseridas na área delimitada são um estabelecimento que comercializa produtos de pesca que se localiza no Mercado Central, os pontos localizados nos shoppings da cidade, e outros estabelecimentos da família Wang¹¹. Os estabelecimentos estão distribuídos de forma estratégica, próximos uns dos outros, apenas os que trabalham no ramo alimentício ficam mais distantes.

Provavelmente, daqui a alguns anos esse mapa terá sofrido muitas alterações considerando a grande circularidade desses migrantes, o insucesso ou sucesso de alguns negócios e a mudança de ramo, pois estão sempre inovando, trocando de produtos. Quando a venda de determinado produto não vão bem, eles geralmente mudam para outro em vez de encerrarem o negócio. E quando chegam a fechar alguma loja, na maioria dos casos, se mudam para outro ponto, passando a loja para outros chineses.

Quanto ao gerenciamento, apenas um estabelecimento chinês não possui a presença constante de chineses, que é a loja China¹², localizada na rua Grande, em funcionamento desde 1974. Geralmente, em cada loja, ficam em média três chineses, algumas com mais, outras com menos. Por isso, a população de chineses residentes em São Luís não deve ser menor do que 300 pessoas.

É difícil apontar um número exato, nem mesmo os dados da Polícia Federal são precisos, mas alguns chineses apontam a existência uma população formada por 500 pessoas em média, mas consideramos o número elevado demais apenas para a região do centro, apesar de incluir as crianças nascidas no Brasil.

Pudemos notar que os nomes das lojas, revelam uma prática comum entre essa comunidade, de adotar nomes em português para facilitar a comunicação com os brasileiros. Em alguns casos, no entanto, há uma resistência em adotar essa prática, mantendo seus nomes originais, inclusive nos estabelecimentos.

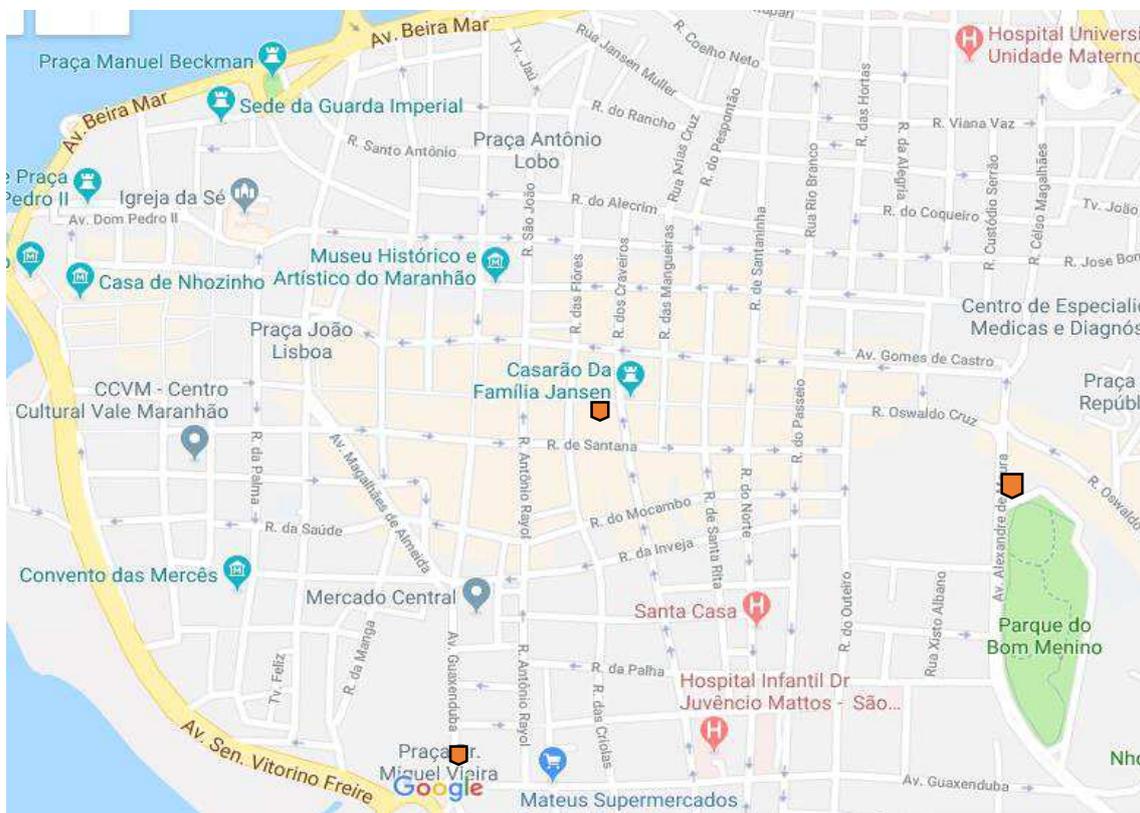
¹¹ Wang Park (estrada de Ribamar) e Churrascaria Espetão (Cohama).

¹² Estabelecimento pertencente à família Wang.

Outro ponto observado, diz respeito à moradia, pois, aqueles que não moram no local de trabalho, se encontram em três prédios específicos localizados no centro. O Edifício Caiçaras localizado na Rua Grande, com 16 apartamentos ocupados por esses migrantes, cada um com três quartos, no qual geralmente moram duas famílias. O Edifício Berilo, no Parque do Bom Menino, com 7 apartamentos ocupados, cada um com apenas 1 quarto. Segundo informações dos zeladores e funcionários dos dois prédios, haviam mais chineses, mas estes têm deixado os locais para se mudarem para outros bairros.

Há também um edifício antigo que fica no Mercado Central, mais simples que os outros, o qual não foi possível obter maiores informações, pois não há porteiro, zelador ou responsável geral que tivéssemos conhecimento. Porém, durante o tempo de observação que estivemos no local por volta das 18 horas, pudemos notar em média 20 chineses entrando no local. De acordo com informações obtidas no trabalho de campo, os que moram neste prédio são os que têm menos condições financeiras, que possuem lojas pequenas ou trabalham para outros chineses.

Mapa 2- Residência de chineses na região do centro. 📍



Fonte: Google Maps.

Essa não é uma característica de organização exclusiva em São Luís, segundo Piza ela é a mesma em várias partes do mundo.

Seguindo uma tendência como ocorreu nos Estados Unidos, Canadá, Peru, França, ao chegar ao país, esses migrantes se estabeleceram em uma mesma região, onde trabalhavam e residiam. Em São Paulo, isso ocorreu no bairro da Liberdade e na Rua 25 de Março, e no Rio de Janeiro, na região do Saara, onde os chineses abriram pequenos comércios (PIZA, 2012, p.).

Segundo Castiglioni (2009), na região de destino, os migrantes procuram se estabelecer em locais próximos para se fortalecerem e manterem algumas características da sociedade de origem em seus grupos, o que difere dos migrantes do passado que inseriam marcas de sua cultura no local. Para a autora, há laços de várias naturezas que podem contribuir para a concentração espacial de grupos de imigrantes na sociedade receptora.

“Os migrantes se organizam em redes sociais para suplantar mais facilmente as dificuldades associadas ao deslocamento e preencher suas necessidades afetivas e psicológicas. A solidariedade, a coesão, a amizade subjacentes as redes de parentesco, de amizade e de pertença à mesma comunidade de origem permitem aos emigrantes fortalecer-se e ajudar-se mutuamente para enfrentarem as tensões que se apresentam ao longo de todas as etapas do processo migratório (CASTIGLIONI, 2009, p.48).

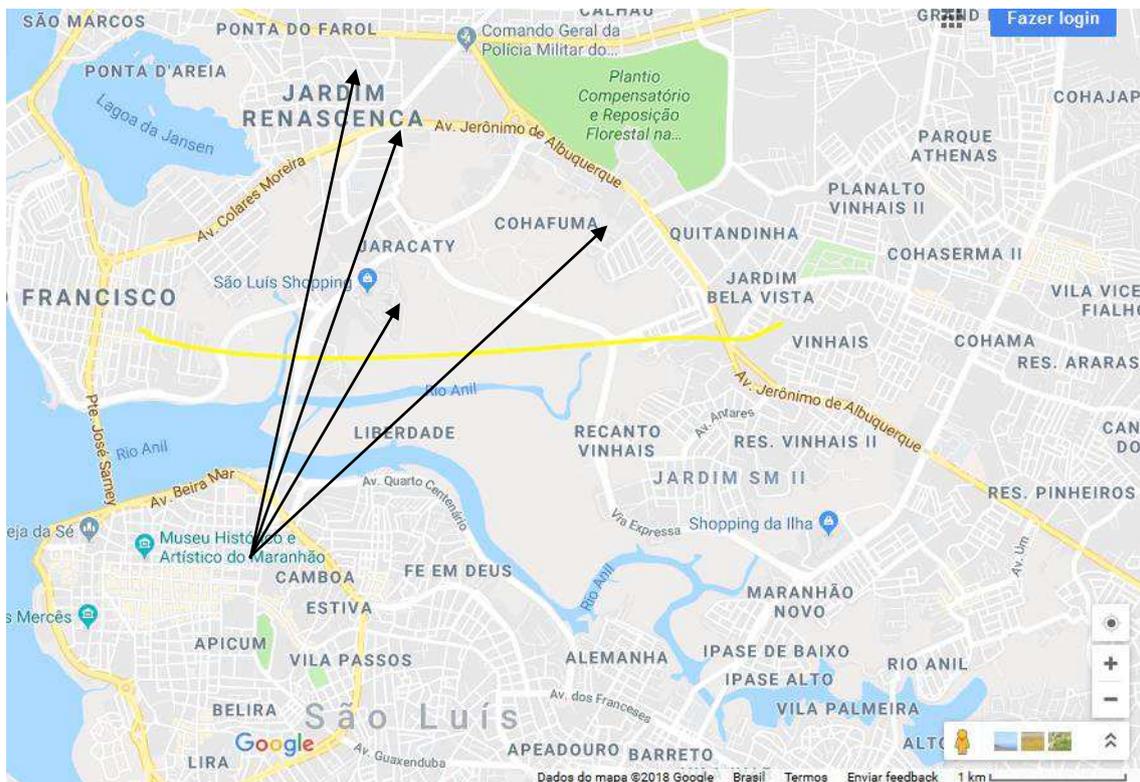
Entre as razões apontadas por morarem no Centro, foi a proximidade com o local de trabalho, pois a maior parte dessa população não possui veículo próprio, muitos ainda não estão estabilizados e não podem ter gastos maiores, e ainda fica mais fácil de vigiar seus estabelecimentos. De acordo com os chineses entrevistados, aqueles que adquirem estabilidade e conseguem comprar algum veículo estão deixando o bairro do centro e indo para outros bairros, adquirindo apartamentos de melhor qualidade, geralmente alugados.

A maioria dos chineses não tem habilitação, nem dinheiro para comprar um carro, então eles alugam mais perto do comércio pra poder facilitar ir pra loja. Mas quem já tem condição de comprar um carro. Se já tiverem habilitação eles já compram mais longe, tipo lá no renascença. Tem um amigo nosso que tem um apartamento lá no pleno, aliás já tem vários morando lá. É assim, um se muda e diz: eu tô morando lá no pleno, vai pra lá também...Os brasileiros que estão lá na China também são assim (MÁRCIA, 2018).¹³

¹³ Brasileira, 30 anos, filha de pais chineses que possuem uma loja na rua de Santana. Seu pai é naturalizado no Brasil e ajudou vários outros chineses a se legalizarem.

Através das entrevistas realizadas no trabalho de campo foi possível detectar um deslocamento de algumas famílias mais estabilizadas para bairros como Renascença, Ponta do Farol, Jaracati (Residencial Pleno) e Cohafuma (Jardins).

Mapa 3- deslocamento de famílias chinesas para outras regiões.



Fonte: Google Maps.

As famílias que estão se deslocando são as mais antigas e já possuem um elo com a sociedade local, mas não sabem até quando ficarão na cidade. Esses fazem parte, principalmente, do primeiro grupo de chineses e muitos já possuem filhos jovens que nasceram aqui ou vieram ainda crianças e hoje falam português fluente. Pretendendo morar o Brasil, pois, segundo eles, aqui há mais oportunidades de crescimento, mas nenhum descarta a possibilidade de mudança de região caso novas oportunidades apareçam.

Há outros, como Sr. LI,¹⁴ que mesmo sendo casado com uma cearense, com quem teve filhos, e vivendo em São Luís há quase 15 anos, prefere permanecer em um apartamento alugado na Rua Grande porque não sabe até

¹⁴ Chinês. Chegou em São Luís em 2004, e possui uma loja na rua de Santana.

quando vai ficar na cidade. Mas também, há famílias que se mudaram porque tiveram algum desconforto com outra pessoa do mesmo prédio e então preferiram sair. O motivo por escolherem viver em apartamentos, diz respeito a segurança, pois segundo eles o condômino já oferece este serviço e se fossem para uma casa seria um custo a mais. Alguns entrevistados explicaram “casa não pode não, aqui Brasil tem muito ladrão, chinês não morar em casa, porque se chinês comprar casa ladrão vai e rouba casa” (Li, 2018), “uma casa sai muito caro porque você tem que pagar o segurança sozinho, em apartamento tem o do prédio” (MATEUS, 2018).

A maioria dos entrevistados não sabe até quando permanecerão na cidade, e quando perguntamos se pretendiam voltar para China, as respostas variaram entre “depende”, “só depois que ganhar dinheiro”, “não sei”, “sim”, “agora não”, mas nenhum descartou a possibilidade de novas migrações. A fala do Sr. Li expressa o que foi percebido nas entrelinhas das falas da maioria “Chinês ficar no país só enquanto tá bom, país não tá bom ele sai” (LI, 2018).

A frase do Sr. Li caracteriza o inconformismo desses migrantes inseridos na lógica do capitalismo, sempre atrás de maiores lucros, além de expressar uma das principais características da mobilidade chinesa, que é sua atuação no comércio. Esse é um dos motivos pelo qual são chamados de “migrantes circulantes” e “empreendedores nômades”,¹⁵ pois estão sempre migrando em busca de novos mercados consumidores de seus produtos, permanecendo no local só enquanto houver rentabilidade.

Através das informações concedidas por vizinhos e trabalhadores da região, que apontaram um período de mais ou menos 15 anos de permanência de chineses no centro, e de acordo com as informações obtidas através dos donos dos estabelecimentos e funcionários, pudemos estabelecer o ano de 2004 para o início da chegada desses migrantes, com exceção da família Wang¹⁶, dona do estabelecimento chinês mais antigo do centro. Esse primeiro grupo¹⁷ de

¹⁵ Ver página 24 e nota de rodapé.

¹⁶ Chinês, chegou em São Luís aos 5 anos. O pai já morava na cidade desde o final da década de 60 e trouxe a família em 72. Em 74 abriram o primeiro estabelecimento chinês do centro, não possuindo envolvimento com a comunidade de chineses que se formou no século XXI. Para mais informações ver página 41.

¹⁷ Não significa que vieram juntos ou são parentes, mas que chegaram no mesmo período. Isso vale também para os outros grupos.

chineses vieram de outros estados brasileiros como São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará, em busca de novos mercados para comercialização de seus produtos, pois já os vendiam em outras regiões do Brasil.

Os chineses desse grupo vieram com algum dinheiro para investir, e rapidamente compraram ou alugaram lojas, na Rua Sete de Setembro e Rua de Santana, apesar de venderem seus produtos de outras maneiras e em outros lugares. A família do Mateus¹⁸, por exemplo, vendia seus produtos na Av. Litorânea durante a noite, depois que a loja fechava, e também vendiam nas calçadas da Rua Grande aos fins de semana. Iniciaram com mão de obra familiar e depois foram contratando mais pessoal. Sua vida, assim como a da maioria dos migrantes no início, se restringiu ao trabalho e à família.

Alguns vieram diretamente da China para o Brasil, outros já haviam passado por diferentes países. Grande parte, senão todos, entraram no Brasil como turistas, mas muitos já haviam sido registrados em outros estados quando chegaram ao Maranhão, ou logo que chegaram obtiveram sua legalização, principalmente, através do nascimento de filhos, o que lhes garantiu o direito à permanência.

Desta primeira geração de chineses que migraram para São Luís, muitos possuem baixa escolaridade, alguns são analfabetos, e vieram para o Brasil em busca de melhores oportunidades de negócios e qualidade de vida.

Depois deles, um segundo grupo de chineses foram chegando entre os anos de 2008 e 2009, muitos por já possuírem parentes e amigos pertencentes ao primeiro grupo, com exceção da família da Fernanda que chegou a São Luís no ano de 2008, sem ter outros parentes na região, e que antes residia em Buriticupu, cidade do interior do Maranhão, desde 2002, vindos de São Paulo. Os que chegaram durante esse período, apesar de terem adquirido lojas ou trabalharem com familiares e amigos em outros estabelecimentos, também vendiam suas mercadorias nas calçadas até os anos de 2014 e 2016.

¹⁸Chinês, 23 anos, chegou na cidade em 2004, junto com a mãe e irmã para morar com o pai que havia acabado de se mudar para a capital e possuem um estabelecimento com o nome "Luciana", que é um dos mais antigos da rua Sete de Setembro.

Figura 2: Imagem de chinesas vendendo suas mercadorias em calçada da Rua Grande



Fonte: Jornal Estrangeiros no Brasil, 2013.

Deste segundo grupo, muitos entraram no Maranhão com visto de turista, tendo passado por outras regiões do país. Outros vieram da China diretamente a São Luís para morarem com a família, ou através de amigos, para trabalharem. Neste caso, a oportunidade de migração para inserção nas atividades comerciais se deu por meio de contatos pré-estabelecidos. Ana,¹⁹ por exemplo, explicou que veio para São Luís porque já tinha uma cunhada morando aqui. Sammy²⁰ respondeu que saiu de São Paulo porque já havia uma amiga morando aqui.

A maioria dos entrevistados mencionou que no Brasil estava tendo mais oportunidades de crescimento que na China, pelo menos era o que se pensava. Todas as pessoas que foram entrevistadas possuem algum membro da família nascido no Brasil, que ainda são crianças e adolescentes, com exceção dos membros da família Wang²¹, o que revela não só a forma como esses migrantes conseguem permanecer no país, mais também que a comunidade chinesa presente no centro de São Luís começou a se formar nos primeiros anos do século XXI.

Segundo Gerson Pereira Gomes²², agente da Polícia Federal, a maioria dos chineses chegam com visto de turistas e se escondem em uma casa, até suas mulheres engravidarem, saindo apenas para ir à maternidade, onde o bebê

¹⁹ Chinesa. Pertencente a uma família com loja na rua de Sete de Setembro e rua de Santana.

²⁰ Chinesa, 32 anos, chegou em São Luís em 2009, vinda do Rio de Janeiro. Possui uma loja na rua de Santana.

²¹ Esta família se encontra na terceira geração aqui no Brasil.

²² Único responsável pelo registro de imigrantes em todo Maranhão.

recebe o registro que nasceu aqui e os pais conseqüentemente conseguem o direito à permanência. Fato também mencionado pela Márcia:

Eles chegam como turista, pegam visto de três meses que é o de turista, ficam em uma casa e deixam o visto vencer, depois constituem uma família e tem filhos. Depois que tem filhos pronto (MÁRCIA, 2018).

O agente da polícia também mencionou que alguns chineses pagavam funcionárias para se casarem formalmente, e se separarem após eles conseguirem suas permanências. Segundo o agente da P.F, imigrantes de todas as nacionalidades forjam diversas situações porque sabem que aqui a fiscalização no Brasil não acontece de fato, principalmente devido à falta de funcionários e investimentos no setor.

Podemos identificar, ainda, um terceiro grupo de chineses que veio de São Paulo e Manaus, em 2017, onde já trabalhavam com o comércio, e abriram estabelecimentos na Rua Grande e Rua de Santana. Durante os intervalos da chegada dos grupos apontados anteriormente, outros chineses chegaram a São Luís, também de maneira aleatória. É o caso de um casal proprietário de uma pastelaria na rua de Santana que chegou em 2007, vindos de São Paulo.

Assim, São Luís se apresenta não só como lugar de imigração para aqueles que estão na China, mas também, confere à cidade um lugar de reimigração, pois muitos chineses partiram de outros estados brasileiros subsidiados pelos contatos que já estavam estabelecidos na capital maranhense, quando não, a interação com outros membros da comunidade acontecia rapidamente. Por isso, sempre que nos referimos a chineses que estão fora do seu país na atualidade, utilizamos o termo migrante, que abrange todos os seus deslocamentos pelas várias regiões do mundo.

De acordo com a Fernanda²³, os lugares de origem da China são principalmente Fujian e Quingtian. Lugares que aparecem frequentemente em trabalhos sobre imigração chinesa como lugar de procedência desses migrantes. Isso significa que são regiões com uma cultura de migração.

²³ Chinesa, 24 anos, chegou ao Maranhão ainda criança, vinda diretamente da China para morar com sua família em Buriticupu e posteriormente mudaram-se para São Luís, onde hoje possuem duas lojas no centro. Conhecida por facilitar a regularização dos chineses recém-chegados, acompanhando-os em órgãos públicos, dando instruções e auxiliando na conversação, através da tradução do mandarim.

Sammy, umas das entrevistadas de Fujian, afirmou:

Na minha cidade sempre teve essa cultura de imigração, o povo não fica em casa, em sua terra mesmo. Um fica escutando o outro falar que outros lugares estão melhores. Mamãe também escutou que no Brasil tava mais fácil... (SAMMY, 2018).

Fujian realmente aparece em todos os trabalhos lidos que abordam a migração de chineses no mundo. Chang Cheng Shu (2009) ressalta que,

Há muitos séculos, os cantoneses e fujianeses atravessavam os mares para exportar a porcelana, a seda e o chá para a Índia e o mundo árabe. Ao longo do tempo, assentaram-se no Sudeste da Ásia para fugir das guerras e da falta de alimentos que assolavam o território chinês. Desde o século XVIII, os cantoneses e fujianeses já emigravam para a América do Sul, mais especificamente para Cuba e Peru, por meio do tráfico dos *coolies*.

Durante o trabalho de campo não foi identificado nenhum estabelecimento pertencente a japoneses ou coreanos. Sempre questionávamos as pessoas que entrevistamos para saber se eles conheciam algum comerciante ou morador japonês ou coreano, obtendo sempre uma resposta negativa. Isso desmistifica um hábito comum de classificá-los como coreanos ou “japas”. O único que mencionou ter contato com japoneses foi o Sr. Wang por ter morado próximo à colônia japonesa localizada em Pedrinhas²⁴, do qual constantemente participava de festas com sua família. Em conversa com o Sr. Gerson, agente da PF, os poucos japoneses e coreanos que chegam aqui são para trabalharem no porto.

A chegada deste grupo maior de chineses no Maranhão no século XXI, coincidiu com um período em que a região central da cidade de São Luís sofria um processo de transformação. Com alguns imóveis sendo desocupados, principalmente nas ruas Sete de Setembro e rua de Santana, um comércio popular crescente, poucas lojas de venda no atacado e de produtos de baixo valor. A região parecia o local certo para início de uma nova jornada comercial para essas famílias.

Pra mim, a vinda desses chineses foi boa porque essa rua aqui era muito parada, e as lojas que abriam aqui não demorava muito fechava. Depois que eles chegaram mais gente colocou bancas aqui na rua, porque já tinha muita gente que vinha pra essa rua comprar com eles. E depois que eles chegaram as lojas que iam desocupando eles iam alugando, até porque os produtos deles são mais baratos e eles sempre trazem novidades (GAÚCHO, 2018).

²⁴ Para saber sobre a os japoneses no Maranhão de livro “Imigração japonesa no Maranhão: uma jornada de 55 anos” – Etevaldo Alves Siqueira Júnior.

Se meu pai não tivesse aberto loja nessa localização... esse ponto já estava parado há mais de dez anos, ninguém abriu aqui, ninguém comprou, ninguém alugou porque era muito caro... quando meu pai abriu aqui gerou movimento, aí a vizinha abriu, outro vizinho abriu, começou a gerar movimento porque esse pedaço da rua não tinha nada (MÁRCIA, 2018).

Muitos dos chineses entrevistados explicaram que, no início, as vendas eram boas, mas que hoje o comércio não está bom por causa da crise, o que foi confirmado pelos funcionários que também falaram do baixo movimento:

Quando comecei a trabalhar para eles, a gente tinha que ficar sentado em banquinhos altos na frente da loja para observar quem entrava, porque era muita gente, hoje ficamos aqui o dia quase todo sem fazer nada (ANDERSON, 2018).²⁵

A cena dos banquinhos era comum de ser observada por quem passava pelas lojas desses comerciantes, e as mercadorias só eram vendidas a dinheiro. Hoje parte dos estabelecimentos já trabalha com máquina de cartões, porém só chineses forem vistos no caixa, com exceção de dois estabelecimentos.

O motivo da escolha pelo centro, segundo os entrevistados, se deu por ser a região com a maior circulação comercial da cidade, portanto com maior presença de público consumidor. Conforme falamos em capítulos anteriores, a migração de chineses em todo mundo é caracterizada por ser essencialmente urbana, buscando áreas para o crescimento comercial e econômico. Em São Luís, os chineses estão presentes em atividades econômicas na área circunscrita ao centro comercial onde circula, diariamente, a maior quantidade de pessoas atraídas, principalmente, pelo comércio popular. Essa opção pelo centro não é exclusividade dos chineses em São Luís. Em cidades como Rio de Janeiro, por exemplo, eles também ocuparam as áreas centrais, que até então eram de outras etnias comerciantes, como judeus e árabes, e passaram a disputá-las (ARAÚJO, 2010).

3.3 O comércio chinês e suas redes

Os migrantes chineses geralmente se ocupam em atividades comerciais nos locais em que chegam. Muitos se tornaram comerciantes no percurso

²⁵ Brasileiro, 28 anos, trabalha com chineses há dez anos e já passou por vários estabelecimentos.

migratório, ou seja, o comércio é visto como uma questão de oportunidade econômica a ser explorada, via redes familiares ou de amizades. Porém, essa prática não é característica apenas de chineses, acontece com outros grupos de imigrantes como, por exemplo, armênios (GRÜN, 1992) e sírio-libaneses (MAGALHÃES, 2010).

A inserção desses migrantes no local em que chegam, sua entrada no comércio, muitas vezes informal, a compra de mercadorias, proteção e moradia, são facilitadas pelas redes de apoio. Até pouco tempo, em média cinco anos atrás, era comum encontrar esses chineses vendendo suas mercadorias em calçadas, especialmente da Rua Grande. Quanto a isso, alguns autores revelam que as práticas informais seriam estratégias de sobrevivência (PAIVA, 1997) de setores imigrantes que não conseguiam empregos formais. Porém, não podemos reduzir essa atividade a simples estratégia de sobrevivência, ou à falta de empregos formais.

Apesar do exemplo ser válido para outros grupos, não parece ser esse o caso dos chineses, eles preferem ter o negócio próprio e não se conformam com um salário fixo mensal. A venda informal para a maioria é apenas no início, até conseguirem um espaço e um meio de operar de maneira formal, o que leva tempo até que sua situação se regularize, principalmente no que diz respeito às documentações, pois a legislação brasileira permite que imigrantes possuam negócios próprios, mas passíveis de fiscalização como qualquer outro estabelecimento. A informalidade pode ser, também, mais uma opção de lucro, pois, como já foi exemplificado, alguns comerciantes com lojas também vendem em outros locais com sua família, para aumentarem sua renda.

Para Santos (2009), o desenvolvimento do comércio informal também tem relação com as novas formas de organização do trabalho, da cobrança de tributos e da burocracia para atuar legalmente. Segundo esses migrantes, a possibilidade de crescimento no próprio comércio é bem maior, e é com a intenção de se desenvolverem economicamente que migram de um lugar para o outro.

“Eu não precisa ganhar um salário, dois salários, quero não, eu não querer trabalhar empregado, nem se oferecerem 10 mil, 20 mil, porque aqui eu ganho mais. Brasileiro que ganha 20 mil, não quer mais

trabalhar não, ... a tá bom demais... Chinês hoje ganhar 10 mil, amanhã já quer 20 mil, 30 mil, 40 mil... Chinês passar pra outro país pra abrir negócio, não é pra morar no Brasil não” (LI, 2018).

Quanto a essa característica, Piza (2012) ao falar dos migrantes chineses da Rua 25 de Março em São Paulo, explica ainda,

O fenômeno faz parte da migração internacional que não busca a integração à sociedade de destino, tampouco se sujeita a atividades econômicas precárias, mas que experiencia a mobilidade como uma maneira de aproveitar as oportunidades de comércio e transformar os laços sociais e a própria habilidade de circulação em capacidade de comercializar produtos para além dos marcos normativos formais.

Como a comunidade chinesa presente em São Luís já é bem expressiva, os chineses recém-chegados já não ficam mais nas calçadas, os outros chineses ajudam a montar seu negócio emprestando dinheiro, ou empregam esses recém-chegados em seu próprio estabelecimento, mas não se tomou conhecimento de caso algum em que trabalhassem para maranhenses. O que é justificado por eles, principalmente, pela diferença linguística e pela compreensão do seu estado enquanto estrangeiro, que é melhor entendido por quem já passou por situação semelhante.

Atualmente, quem ocupa as calçadas da rua Grande são os brasileiros que, em muitos casos, comercializam produtos dos chineses, pois todos, com exceção dos que trabalham com alimentos, são atacadistas, fornecendo suas mercadorias para lojistas e vendedores ambulantes brasileiros. Isso demonstra uma movimentação no campo econômico, ou seja, se os imigrantes chineses são fornecedores de mercadorias, lucram mais e alcançam melhores posições, principalmente no subcampo do comércio de importados, mas também geram uma fonte informal de renda para ambulantes locais. Deste modo, acabam exercendo grande influência no setor informal de vendas, que age de forma significativa no setor econômico de um país.

Ao serem questionados sobre o modo que deixaram as calçadas e estabeleceram-se em lojas de maneira tão rápida, foi comum ouvir expressões “com muito trabalho”, “trabalhando muito”, “com muito trabalho e esforço”, “chinês não tem medo de trabalho”. Segundo o camelô Gaúcho, quando alguma loja chega a fechar, eles já estão na espera e mesmo já tendo lojas eles asseguram para outro conhecido, além da constante inovação de seus produtos

que garante uma clientela ávida por novidades: “Eles estão sempre trazendo novidades e quando um produto não vende, ao invés de fecharem as lojas eles trocam por outro” (GAÚCHO, 2018). Ao falar desse comércio, PIZA (2002) explica,

[...] animam em vez disso, o ir e vir de bens escassos para a clientela consumidora, ávida pela própria chegada de produtos dificilmente acessíveis ou, outras vezes, pelo preço mais baixo e vantajoso do diferencial entre os mercados regulados pelos diferentes Estados e economias nacionais (PIZA, 2002, p. 32).

Os chineses, em geral, são conhecidos pelo seu perfil empreendedor. Para Schumpeter empreendedor é um identificador de oportunidades e criador de negócio; tomador de riscos e aquele que informa o mercado sobre novos elementos (apud Oliveira, 2007).

“Quando a gente chegou aqui, também chegamos a vender nas calçadas, e tinha uma senhora que tinha uma barraquinha de bombons perto do Cantinho Doce que já trabalhava na Rua de Santana, com o tempo nós abrimos a primeira loja e hoje temos duas, e a senhora continua vendendo os mesmos bombons até hoje. Fico pensando porque ela nunca colocou outras coisas...” (FERNANDA, 2018).

Mas não foi apenas o trabalho ou o perfil de empreendedor desses migrantes que os levaram a conquistarem uma formalidade, mas também a facilidade em adquirir lojas, moradias e conseguirem dinheiro, que ocorre através das redes que eles constroem, de ajuda mútua. Em São Luís, essa rede de apoio existe, principalmente envolvendo familiares.

A gente cria uma comunidade chinesa em que cada um dá uma parte, por exemplo, eu dou 500 reais por mês, aí esse dinheiro fica guardado num cofre geral e quando alguém precisa, pode pedir. Quando a pessoa consegue tem que devolver, é tipo um empréstimo que eles mesmo criam. Mas assim, se eu dou mais, quando eu precisar eu posso pegar mais... é assim eu dou uma quantia e preciso de 10 mil, aí eu pego esses 10 mil... é nós mesmo que organizamos, entre nós (FERNANDA, 2018).

Muitos chineses vieram trazidos por um familiar, para ajudá-los no seu negócio e, posteriormente, foram ajudados por este familiar a montar um novo estabelecimento. Através da compra ou aluguel de pontos que já estavam desocupados ou prédios onde outras empresas que não deram certo, montam seus negócios e vão a cada ano aumentando a sua área de atuação.

Hoje os chineses que vão chegando contam com uma comunidade já formada e logo se estabelecem em lojas, alguns já vêm de uma prática comercial

em outro local do Brasil, como é o caso dos donos de lojas de bijuterias que vieram de São Paulo e Manaus, em 2017, onde já possuíam comércios.

De acordo com Cunha e Mello (2005), o sistema comercial chinês funciona sob determinadas regras nas quais a cooperação dentro das redes potencializa os recursos disponíveis para financiar seus empreendimentos comerciais, trabalhando mais com o associativismo de rede do que com o desenvolvimento individual de empresas. Através destas redes de apoio, eles iniciam e expandem seus negócios ocupando ruas como a Sete de Setembro, em que ocupam mais da metade dos estabelecimentos e que se tornou conhecida pelo comércio desses asiáticos, tornando-se fortes concorrentes dos comerciantes locais e criando uma “especialização do capital” da qual Piza (2012) faz referência.

A sociabilidade, através das redes sociais, dissemina certo tipo de ‘saber circulatório’ que rende uma autonomia conquistada pelos migrantes – um espaço que apenas eles são capazes de operar [...] um local em que certas práticas territorializadas são executadas apenas por um grupo social (ibid, p.32).

Sabendo disso não é de espantar o seu rápido crescimento econômico por onde chegam. Os contatos e as trocas de experiências direcionam o caminho que deve ser percorrido, por isso as redes sociais são importantes, pois permitem a inserção dos migrantes em atividades da economia, fazem circular entre seus indivíduos as maneiras pelas quais se entra no mercado de trabalho, o modo como negociar, os mercados de proteção ou como se alojar.

A sociabilidade, através das redes sociais, dissemina certos tipos de “saber circulatório” que rende uma autonomia conquistada pelos migrantes - um espaço em que apenas eles são capazes de operar (PIZA, 2012). Dentro dessas redes, há um aplicativo chamado “WeChat”²⁶ que apareceu na fala da maioria dos entrevistados, como meio de comunicação, interação social, e divulgação

²⁶ **WeChat** (chinês: 微信, significa literalmente ‘micro mensagem’) é um serviço multiplataforma de mensagens instantâneas desenvolvido pela Tencent na China, lançado originalmente em janeiro de 2011. WeChat fornece serviços adicionais, como mensagens multimídia, mensagem por voz, transmissão de mensagens (um para muitos), videoconferência, jogos eletrônicos, compartilhamento de fotos e vídeos e compartilhamento de localização. <https://pt-br.facebook.com/wechatapp/>

sobre compras e vendas de mercadorias, utilizado por todas as famílias dessa comunidade.

A gente tem grupos que são de São Paulo e do Rio de Janeiro que eles adicionam chineses da região então fazem a venda, é como se fosse Whatsapp, mas o nosso é WeChat (MÁRCIA, 2018).

Percebemos então, que os avanços na tecnologia de comunicação tem contribuído de forma significativa para o avanço da globalização e para traçar um novo perfil dessa comunidade. Um fato a ser destacado, acerca desses chineses, é que permanecem em determinado espaço enquanto houver rentabilidade no negócio. Cessado este diferencial, eles deixam o local onde estão e deslocam-se em busca de outras regiões onde possam instalar e expandir seus negócios. Piza (2012) explica:

A grande oportunidade aberta aos chineses não é o permanente comércio baseado no diferencial de preços e produtos entre seu lugar de origem e o local onde se estabelecem, mas sim na entrada para um comércio pujante territorializado e, portanto, requer uma sedentarização temporária e predatória – que se efetiva apenas na medida do sucesso econômico, sem demandas de cidadania política ou integração social e sem lealdade alguma a esse local, abandonado por outro no primeiro momento em que novas oportunidades relativas forem vantajosas.

O Sr. Li explicou que atualmente o movimento nas vendas está baixo, e informou que alguns chineses já fecharam lojas e ainda há mais estabelecimentos que irão fechar se as coisas não melhorarem, principalmente os mais novos, sendo apenas uma questão de tempo.

Tem muito Chinês que quebrou já, vender fraco. Eu ainda estou aqui porque os clientes já me conhece. E vai fechar mais. As de bijuterias começar a pouco tempo, tem muito loja, já tá fraco. Agora não fechar rapidinho não, porque tu sabe entrar mercadoria, abrir firma, gastar muito dinheiro. Se fechar rapidinho já perdeu tudo, passa pelo menos um ano pra depois começar a fechar. Se for rapidinho, a tá fraco, fechar logo, não é assim não, já perder tudo. Tem que deixar um pouquinho pra pagar aluguel, pagar funcionário... (LI, 2018).

Realmente, algumas lojas fecharam no ano de 2017, mas se já estão em São Luís cerca de 15 anos é porque eles tem tido retorno econômico neste local, pois mesmo com as reclamações de baixo movimento, acrescenta-se a cada ano maior número de lojas.

3.3.1 Tipos de mercadorias

Caracterizar os produtos vendidos pelos chineses é voltar às origens da migração chinesa para o Brasil. A atividade comercial desenvolvida por eles desde o início de sua chegada ao país era caracterizada pela venda de bugigangas, depois pelas bijuterias, artigos para presentes, bolsas e também pelas famosas pastelarias chinesas (SHU, 2009).

Em São Luís, os produtos comercializados são importados da China²⁷ concentrados em artigos como bolsas, roupas, guarda-chuvas, bijuterias, acessórios eletrônicos, brinquedos, flores e utilidades em geral, com exceção dos que trabalham com restaurantes e lanchonetes, que estão voltados para o paladar local e com poucos elementos da culinária chinesa, como o *yakisoba* e o frango xadrez. Ao todo, somam-se quatro estabelecimentos voltados para alimentação no centro, distribuídos em quatro ruas paralelas²⁸, um deles existe desde 1974. Porém, não é uma área de grande atuação em nossa cidade, inclusive dois dos três estabelecimentos que fecharam em 2017 foram desse ramo.

Isso mostra um declínio da atuação de chineses nesse ramo. De acordo com os donos de lanchonetes, a preferência por restaurante se deu devido ao baixo investimento, se comparado com a venda de outras mercadorias, e a possibilidade de reaproveitamento, pois o que não se vende a família consome. Em outros casos ocorreu porque alguém da família já trabalhava no ramo. A Fernanda, explicou que os lucros nesse ramo são baixos e o trabalho é grande.

É um ramo que trabalha muito e não ganha tanto, a gente também já trabalhou com restaurante antes, tem que acordar muito cedo, a gente também tinha lanchonete, mas fechamos porque aqui no centro não dá pra vender por um preço maior, porque o pessoal não compra (FERNANDA, 2018).

A Senhora Xu lu²⁹ explicou que o motivo da escolha foi não saber trabalhar com outro tipo de mercadoria. O senhor Xu³⁰ decidiu trabalhar com

²⁷ Muitas pessoas com quem conversamos durante o trabalho de campo chamam os produtos de *xing-ling*.

²⁸ Ver figura 1, página 58.

²⁹ Dona de uma pastelaria na rua do Sol.

³⁰ Proprietário de uma lanchonete na rua Grande

comida porque não tinha muito dinheiro para investir com mercadorias já que, segundo ele, pra abrir uma loja você precisa ter em média, 10 mil reais, e disse ter aprendido a fazer os salgados e comidas no Rio de Janeiro.

Já as lojas que inauguraram em 2017 demonstram, não só a entrada de um novo ramo trabalhado por esses chineses, o de bijuterias e lingerie, como também a expansão de sua área de atuação. A rua Grande que tinha apenas dois estabelecimentos chinês até 2016, hoje possui oito, seis inaugurados em 2017.

Atualmente, o tipo de negócio predominante na comunidade chinesa, são as lojas de produtos importados diversificados, totalizando 95 dos estabelecimentos identificados pelo mapeamento, e todos se caracterizam por vendas no atacado e no varejo. A ligação dos migrantes chineses, na atualidade, com o comércio parece ter muito mais haver com o contexto econômico da China inserido no avanço da globalização, (circulação, baixo custo, diversidade e fácil acesso), do que com as atividades exercidas por seus imigrantes passados, ou a um patriotismo.

Os chineses que saem do seu país são de extrema importância para a economia da China, principalmente no que diz respeito ao avanço de suas exportações e investimentos, e isso não se pode questionar, mas talvez essa população faça isso, não de maneira intencional, pensando no bem do seu país, mas porque veem nesse comércio maior possibilidade de crescimento pessoal. Ao questionarmos a Márcia sobre o motivo da escolha de produtos chineses para a venda, ela respondeu:

Até lojas de brasileiros compram produtos da China...não porque é mais em conta, porque eu trabalho com importação, e os custos com importação estão muito alto e a fiscalização também pega material da gente...porque a gente não tem ligação com fábricas brasileiras, não tem nenhum representante de lojas brasileiras, não tem por exemplo nenhum representante que venha aqui na porta oferecer biquínis, de tal marca por exemplo, a gente não tem acesso a fábricas brasileiras, não tem divulgação de fábricas brasileiras, não há um representante que passe nas lojas da Rua Grande e nas lojas chinesas pra oferecer mercadorias, e eu acho que se comprar roupas aqui tem que vender quase por um preço de boutique, um vestido de festa por 150 e a população que ganha um salário mínimo não tem condição (MÁRCIA, 2018).

O Sr. Wang afirmou que, quando chegaram, vendiam os produtos importados mais disponibilizados e acessíveis, mas não adquiriam produtos

chineses de forma proposital, inclusive quando teve a “invasão dos produtos do Paraguai” eles também compravam para comercializar, como todos os outros brasileiros que compravam importados em geral.

O que se pode perceber, é que o fato da China ter a maior linha de produção devido a sua volumosa e barata mão-de-obra e ser a maior exportadora do mundo, contribui para que muitos de seus cidadãos se tornem comerciantes em outros países.

De acordo com Piza (2012), os produtos chegam às cidades através de chineses atravessadores ou importadores com maior facilidade e em maior quantidade, favorecendo assim a venda mais barata destes produtos. O que nos leva a concordar com o autor quando diz que “o papel desempenhado pelos migrantes chineses nesse comércio alimenta-se de contêineres e movimentação grandes fluxos portuários” (PIZA, 2012, p. 45).

Cunha (2006, p.162) destaca algumas particularidades do comércio Chinês no Rio de Janeiro, e que também são válidas para São Luís:

Seu modelo empresarial, embora também seja o de empresas familiares, organiza-se a partir de redes de solidariedade e fomentação financeira. Esse modelo econômico permitiu que os chineses chegassem ao Saara com financiamento, mão-de-obra e uma estrutura empresarial de extrema produtividade. As relações com fornecedores, por exemplo, também mediadas por redes, permitiu que adquirissem mercadorias a baixíssimo custo. Isso possibilitou aos asiáticos oferecer produtos extremamente baratos, em muitos casos, adotando práticas de dumping (venda de produtos por preços abaixo do custo, normalmente com intenção de aniquilar a concorrência).

A maioria dos comerciantes chineses de São Luís compra produtos em São Paulo, que chegam pelo Porto de Santos e contratam transportadoras para trazerem a São Luís, já que o Porto do Itaquí não suporta esse tipo de mercadoria. A instalação das empresas chinesas têm provocado transformações nas relações social e espaciais. Os investimento e pequenas viagens operam constantemente um mobilidade de mão de obra e produtos envolvendo uma rede de familiares e amigos ou mesmo pessoas que oferecem serviços de travessia (PIZA, 2012). Seus produtos são muito procurados pelos consumidores locais que estão em busca de produtos de baixo custo.

3.4 Relacionamentos no local de chegada

Ana Minnaert (2016), ao falar dos chineses na Bahia, explica que as relações estabelecidas pelos migrantes chineses, no Brasil, seguem os princípios de lealdade que as caracterizam, sendo estabelecidas a partir de um círculo de amizade ou familiar. Baseadas em um sistema de troca de favores, circulação de bens e informações, as relações interferem na distribuição das posições e das oportunidades entre os membros do grupo social e em possíveis modalidades de reconhecimento, inclusão e prestígio. Segundo Silva (2008),

O estabelecimento de redes de apoio, guanxi, vem marcando os negócios do chinês ultramar. Guanxi são relações privilegiadas estabelecidas entre os membros da comunidade chinesa que compartilham um mesmo lugar de origem, língua, história, família e são estruturadas a partir de laços de confiança. O termo é de origem chinesa e, traduzido literalmente, significa relacionamento, geralmente estabelecido com um objetivo e fundamentado em ideias de confiança e lealdade (Apud MINAERT, 2016).

Contudo, diferente do que ocorreu em outras cidades como Rio de Janeiro, onde formaram um bairro chinês, em São Luís, apesar de escolherem o Centro para morarem e trabalharem, os chineses não buscaram uma segregação. Os estabelecimentos de propriedade chinesa se voltam para a população local, e não para a comunidade de chineses.

O migrantes chineses da atualidade não buscam inserir sua cultura no local onde escolhem viver, muito menos criar raízes nos locais, são os chamados migrantes circulantes. E essa forma de estabelecimento tem sido característica dos migrantes chineses do século XXI (PIZA, 2002).

Eles pouco interagem com a cidade, poucos mencionaram ter amigos fora do círculo familiar ou da comunidade chinesa, exceto os que nasceram aqui ou vieram ainda crianças e já dominam o português. No coletivismo familiar, os chineses se organizam para facilitar o processo de adaptação na nova cidade e se fortalecem. O apoio familiar é fundamental para a inserção do imigrante no novo território, a família e os amigos são seu único ponto de contato na nova cidade (MINNAERT, 2008). Todos os entrevistados disseram conhecer outros chineses, além daqueles com quem têm laços familiares ou que são seus vizinhos. Em São Luís, a família e a comunidade formam a base de apoio.

Seus espaço de encontro restringe-se ao núcleos domésticos, mas vez ou outra, grupos de jovens se reúnem para irem ao shopping. É nos apartamentos que se encontram aos fins de semana, conversam em mandarim, jogam cartas (apostado), compartilham suas experiências, realizam suas refeições em família e amigos, e a sua herança cultural é transmitida para as novas gerações.

Nesse contexto, as crianças e adolescentes vivenciam o ambiente familiar, onde a cultura de origem tenta subsistir, mas também estão o tempo todo em contato com a nova sociedade, vivenciando elementos do novo espaço e as lembranças e ensinamentos do velho, sendo de grande importância para a mudança da comunidade chinesa. Alguns dos filhos nascidos no Brasil, por exemplo, não sabem e nem mostram interesse em aprender mandarim.

Foi perceptível que aqueles que chegaram ainda crianças criaram fortes raízes em nosso país e não pensam em sair do Brasil, mas os pais possuem a visão do migrante circulante e não descartam a possibilidade de se deslocar para outro local que possibilite melhores oportunidades.

Através das falas dos entrevistados, ficou claro que esses migrantes chineses não estão fugindo da pobreza, fome, guerra ou desastres, mas sim buscando novas oportunidades para crescimento econômico, uma vez que na China, devido a sua grande população, as oportunidades são menores. A maioria deles vem para o nosso país com algum dinheiro para investir em atividades comerciais, uns mais, outros menos, mas a maioria recebe ajuda da comunidade de alguma forma, tendo destaque o empréstimo de dinheiro. Não estamos falando de todos os chineses que saem da China, mas de uma maioria que sai do seu país formando pequenos ou grandes aglomerados voltado para o trabalho com o comércio no mundo todo.

Foi manifestado um forte desejo de melhorar o padrão de vida pessoal e familiar. O Sr. Xó pensa em voltar para China só depois que esse sonho tiver se concretizado. A opção migracional, neste caso, é um dos caminhos possíveis dentre as escolhas de investimento pessoal. Os entrevistados acreditam que na China não teria tido grandes oportunidades, conquistas ou realizações

adquiridas no Brasil. Quando ao crescimento econômico, Piza (2012) explica que não é o único fator que levam esses migrantes a se deslocarem de seu país.

Não podemos reduzir as correntes migratórias internacionais por mão de obra e das diferenças salariais, ou da microeconomia que pressupõe o indivíduo atomizado e racional que calcula o retorno líquido (geralmente em termos monetários) de seu deslocamento como se fosse livre de quaisquer influências sociais ou culturais” (PIZA, 2012, p.27)

A decisão de migrar e a escolha de quem migraria, muitas vezes, não são tomadas individualmente, mas dentro da família, é na verdade um investimento que traz resultados para os parentes de quem se envolve na decisão de viajar. No caso da jovem Marina, que veio para o Brasil por conta dos pais, não queria ter deixado a China, pois segunda ele lá é melhor.

A decisão de vir para o Brasil ocorre tanto espontaneamente quanto por estímulo de alguém do próprio convívio, tais como pessoas da família e amigos. Essa explicação faz parte das teorias sociológicas de migrações que argumentam que o processo migratório não se restringe a uma decisão individual, mas a uma estratégia que envolve outros atores sociais, como a família ou grupos mais extensos que compreendem amigos e conhecidos.

Segundo essa abordagem, os integrantes do grupo participam em conjunto das diversas fases do processo de tomada de decisão: na busca da informação, na análise dos custos e benefícios do movimento, na realização da migração e, também, no processo de integração que ocorre na região de destino, buscando as melhores alternativas para melhorar a renda, minimizar os riscos e superar os problemas que podem ocorrer durante a migração e no processo de inserção na região de destino (PORTES, 1995 apud CASTIGLIONI, 1999, p.48).

Os chineses que estão em São Luís possuem uma experiência migratória (pessoal e familiar) com percursos espaciais e sociais razoavelmente longos. Sobre esses percursos, a primeira coisa que se deve apontar é que São Luís se apresenta como uma região de imigração para os chineses que estão na China por meio das redes de familiares e/ou conhecidos e fazem da cidade seu primeiro lugar de imigração e de reimigração para aqueles que estavam em outras partes do país, em cidades e estados, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, sendo subsidiados pelos contatos que já estavam estabelecidos na capital maranhense. O Sr. Li, por exemplo, passou por vários outros estados, como

São Paulo, Rio, Ceará, Pernambuco, Amazonas, até chegar no Maranhão com sua família.

A capital do Maranhão se insere na rota da diáspora chinesa, como um espaço de acolhimento para a população imigrante que encontra na região central o seu lugar. Aqui, eles constituírem família, se estabilizam economicamente, criam seus filhos, aprendem a viver e vão permanecendo até surgirem melhores oportunidades.

Assim a cidade vai se constituindo em um novo aglomerado chinês, diferente das tradicionais *chinatowns*. Os chineses do Centro não se posicionam como um grupo a parte, eles adotaram o vestuário e o linguajar local, nomes brasileiros para si, seus filhos e estabelecimentos, buscando uma invisibilidade no contexto social dentro da cidade, frequentando poucas vezes espaços de interação comuns aos ludovicenses, e atuando principalmente na comercialização de produtos importados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do uso da história oral, do trabalho de campo e pesquisas bibliográficas, este estudo apresentou informações importantes sobre a população chinesa existente em São Luís, e que tanto chamam atenção pelas suas características físicas, língua, costumes e pela sua atuação no centro comercial da cidade.

Através deste trabalho de pesquisa, chegamos a algumas conclusões importantes, principalmente acerca do motivo da migração desta população, o espaço ocupado por eles e as atividades que exercem. Identificamos que a principal motivação para que eles migrassem para São Luís foi a busca de novos mercados consumidores para crescimento econômico.

O mapeamento revelou que essa comunidade, que se iniciou por volta de 2004, hoje ocupa uma extensa área no centro da cidade, ocupando ruas essenciais que constituem o comércio, não só para trabalho, mas também para suas moradias. Os chineses que aqui chegaram vieram, principalmente, de outros estados brasileiros, como São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de novos mercados, visto que a região sudeste está saturada desses comerciantes. Outros chegaram na cidade vindos diretamente da China para se unirem a parentes e amigos. Assim, a cidade constitui-se em um local de imigração e reimigração de chineses que se movem pelo mundo. Seu estabelecimento, moradia e inserção no comércio são facilitados pelas redes de apoio que se construíram entre eles.

Durante o trabalho, ficou clara a existência de uma comunidade chinesa que se formou no centro da cidade e que já possui uma forma de organização própria. Esse grupo não busca deixar marcas da sua origem no local, adquirem um destaque cada vez maior em São Luís e se ocupam, quase que exclusivamente, com o comércio de produtos importados. Estão adquirindo um espaço cada vez maior no comércio popular no centro, o que se deve à crescente aceitação dos produtos chineses por parte da população ludovicense, e conquistando um poder econômico incipiente, mas crescente.

Sendo assim, uma marca importante da migração chinesa é a motivação (não única) econômica desses movimentos, que tem como característica a

migração focada no comércio, remetendo à migração histórica dessa população, principalmente no Brasil. Esses migrantes, em geral, permanecem no local só enquanto tiver rentabilidade, cessado este diferencial, eles deixam o local onde estão e deslocam-se em busca de outras regiões onde possam instalar e expandir seus negócios.

Outro ponto esclarecido diz respeito à ideia de que havia coreanos no centro, mas foi constatado que a população asiática presente nesta área é predominantemente de chineses, não dando margem para se cogitar a presença de outros grupos.

Concluimos que o centro de São Luís é o local escolhido para o estabelecimento temporário da comunidade de chineses, mas já se inicia um deslocamento rumo a outros bairros para moradia, quando já adquirem um poder aquisitivo maior e aprendem a se relacionar com a população local, tendo a língua como o fator principal. Porém, estes não abandonam suas práticas comerciais no centro da cidade, e nem veem a cidade como o local definitivo para viverem, por isso, a maioria das residências são alugadas e compartilhadas entre famílias.

Este trabalho preencheu um vazio existente na produção historiográfica local, respondendo a alguns questionamentos, contribuindo, assim, não só para entender as características da migração chinesa no centro de São Luís, mas, também, para amenizar alguns equívocos oriundos do senso comum, decorrentes do desconhecimento dos reais motivos dessa migração. Também contribuirá para a diminuição do preconceito e quebra de estereótipos criados pela população local sobre os asiáticos como, por exemplo, de que são todos coreanos, indelicados, interessados apenas em vender seus produtos e ganhar dinheiro. Ditos que resultam não só da falta de informações corretas acerca dessa população, mas também da falta de comunicação. Além disso, se constituirá em um registro para as futuras gerações estudarem a população asiática existente na capital no período.

Esta pesquisa foi só o início de tantas outras que virão, e para estudos futuros, seria interessante observar com mais precisão as mudanças no campo econômico, a inserção desses imigrantes e de seus descendentes em outros campos sociais e o funcionamento mais aprofundado de suas redes de apoio,

além dos processos identitários que vão se construindo entre eles e a população local.

REFERÊNCIAS

Bibliografia:

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais**. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

_____. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1989

_____. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13-31.

ALMEIDA, Roseane Santos de. **MADE IN CHINA: a inserção dos produtos e de imigrantes chineses em Santo Antônio de Jesus/BA**. Universidade Estadual da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2013.

AMORIM, Marcela Sampaio Magalhães Alves de. **O imigrante chinês no Brasil e no Sudeste: uma análise dos dados do Censo demográfico (2010) e SINCRE-Polícia Federal (2000 a 2014)**. Caderno de Geografia, vol.26, núm.1, 2016, pp. 182-196. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=333248609012>> Acesso em: Out de 2017.

ARAÚJO, Marcelo. CHINESES NO RIO DE JANEIRO: O século XX e a migração em massa. In: **Encontros**. Rio de Janeiro, ano XIII, n. 25, 2015, p. 68-82.

AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. **Variiedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. Unidade e variedade na História Cultural. In: BURKE, Peter. **Variiedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASTIGLIONI, Áurelia H. **Migração: Abordagens teóricas**. In: ARAGÓN, Luis E. (org.). Migração internacional na Pan-Amazônia. Belém: NAEA/UFGPA, 2009.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre Práticas e Representações. Lisboa, Bertrand Brasil, 1993.

_____. **À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

_____. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CUNHA, Neiva Vieira. MELO, Pedro Paulo Thiago. **Libaneses e chineses: sucessão, conflito e disputa numa rua de comércio do Rio de Janeiro.** Anuário Antropológico. Rio de Janeiro, 2006: 155-169. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~lemetro/pesquisadores/Neiva%20Vieira%20da%20Cunha/neiva_cunha_pedro_mello>. Acesso em: Mar de 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa.** 4 ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios.** Petrópolis: Cultura Vozes, 2000. v. 94, n° 3, p. 111-124, maio/jun.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 8a ed. 2006.

FERREIRA, Antonio Celso. **A fonte fecunda.** In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. (org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2011, p. 61-91.

GOES, Allisson Gomes dos Santos. **A imigração chinesa em Aracaju: percursos e discursos de uma presença em construção.** In: TOMO, n.26, mai-jun, 2015.

GRÜN, Roberto. **Negócios & Famílias: Armênios em São Paulo.** São Paulo: Editora Sumaré, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre a história.** São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

JYE, Chen Tsung. SHYU, David Jye Yuan. MENEZES JR, José Bezerra de. **Os imigrantes chineses no Brasil e a sua língua.** Revista Synergies Brésil n° 7 – 2009 pp. 57-64. Disponível em <<http://ressources-cla.univfcomte.fr/gerflint/Bresil7/chen>> Acesso em Mar de 2012.

MAGALHÃES, Marcelo Vieira. SAIR DO LÍBANO CHEGAR À CAPITAL MARANHENSE: as esperanças dos “syrios” e as condições de vida dos viajantes. In. **Outros Tempos**, vol. 7, n. 10, dez. 2010.

MAGNOLI, Demétrio. **Globalização: estado nacional e espaço mundial.** São Paulo: Moderna, 1999.

MINNAERT, Ana Claudia. **Os novos sino-baianos.** Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2017/01/27/os-novos-sino-baianos/> Acesso: Abr de 2018

NAISBITT, John. **Megatendências, Ásia: oito megatendências asiáticas que estão transformando o mundo.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In LE GOFF, Jacques; LADURIE, Le Roy, DUBY, Georges et al. **A nova história**. Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Jayr Ferreira. **Gestão estratégica sem limites**: O perfil empreendedor dos imigrantes chineses no Brasil. Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.aedb.br/seget/artigos00/337_gest%C3%A3o%20Estrat%C3%A9gica%20Chinesa%20SEG%20rT2007. Acesso em: Mar de 2012.

PAIVA, V.; POTENGY, G.; CHINELLI, F. Qualificação e inserção alternativa no mundo do trabalho: a sociologia do trabalho para além da indústria. **Novos Estudos**, São Paulo, 1997.

PIZA, Douglas de Toledo. **Um pouco da mundialização contada a partir da região da rua 25 de março**: migrantes chineses e comércio “informal”. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação, Universidade de São Paulo, 2012.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 174p.

SANTOS, Tânia Rita Silva dos. **A COMUNIDADE CHINESA EM PORTUGAL: Factores de risco, factores protectores e rede social**. Faculdade de psicologia. Mestrado integrado em psicologia. Universidade de Lisboa: 2011.

SANTOS, Vinícios Correia Santos. **Da era fordista ao desemprego estrutural da força de trabalho: mudanças na organização da produção e do trabalho e seus reflexos**. Artigo submetido ao VI Colóquio internacional Marx e Engels. Pará, 2009.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução: Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SHU, Chang-Sheng. **“Chineses no Rio de Janeiro”**. In: Leituras da História. Rio de Janeiro, ano II, n. 17, 2009, p. 44-53.

SILVA, Marcos de Araújo. **Guanxi nos trópicos: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco**. (Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2008).

SIQUEIRA JÚNIOR, Etevaldo Alves. **Imigração japonesa no Maranhão**: uma jornada de 55 anos. São Luís: clube de Autores, 2015.

SOUSA, Gerson Dias de. Um negócio da china: A dinâmica do comércio no centro de Teresina a partir da presença dos Chineses. In. ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18, 2016, São Luís. **A construção do Brasil**: geografia, ação política e democracia. Disponível em: Acesso em: Out de 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Websites:

ESTRANGEIROS NO BRASIL. **Grupo de estrangeiros que mais cresceu é de asiáticos**. Disponível em: <<http://www.estrangeirosbrasil.com.br/2013/11/12/grupo-deestrangeiros-que-mais-cresceu-e-de-asiaticos/>>. Acesso em Out 2017.

LEAL, Luciana Nunes, Censo 2010, população asiática no Brasil. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, caderno cidades, 22 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.estadão.com.br/noticias/cidades,censo-2010-população-asiatica-no-brasil-cresceu-177-em-dez-anos,748616,0.htm>> Acesso em Out de 2017.

<https://www.google.com/maps>

Fontes orais:

ANA. Cunhada de Sammy. São Luís. Entrevista realizada em março de 2018.

FERNANDA. São Luís. Entrevista realizada em março de 2018.

GAÚCHO. São Luís. Entrevista realizada em abril de 2018.

GERSON. São Luís. Entrevista realizada em maio de 2018.

LÚCIA. São Luís. Entrevista realizada em março de 2018.

LI. São Luís. Entrevista realizada em maio de 2018.

LIA. São Luís. Entrevista realizada em março de 2018.

MÁRCIA. São Luís. Entrevista realizada em março de 2018.

MARINA. São Luís. Entrevista realizada em maio de 2018.

MATEUS. São Luís. Entrevista realizada em março de 2018.

SAMMY. São Luís. Entrevista realizada em março de 2018.

WANG. São Luís. Entrevista realizada em maio de 2018.

XU IU. São Luís. Entrevista realizada em maio de 2018.

XU. São Luís. Entrevista realizada em março de 2018.

GUTEMBERG. São Luís. Entrevista realizada em março de 2018.

APÊNDICE A
Roteiro das entrevistas realizadas com a população chinesa de São
Luís/MA

1. Quem são e de onde vem? (país, estado e cidade)
2. Possuem outros familiares aqui? Também são donos de lojas?
3. Qual sua escolaridade?
4. Qual o motivo de sua imigração?
5. Por que escolheram o Brasil? Mais especificamente São Luís do Maranhão?
6. Em que ano chegaram em São Luís?
7. Vieram diretamente de seu país ou de outras regiões do Brasil?
8. Moram no local de trabalho?
9. Por se ocupar com o comércio e não em outros empregos? Tem a ver com a lógica do país em que nasceram?
10. Em que ano chegaram em São Luís?
11. Pretendem retornar a sua terra?
12. Quantas pessoas da família moram aqui?
13. Tiveram algum filho que nasceu no Brasil?
14. Quem são os que falam ou entendem o nosso idioma corretamente?